

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MANUELA FONSECA ANDRADE**

**O PODER DO COLETIVO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

**Porto Alegre/RS**

**2022**

**MANUELA FONSECA ANDRADE**

**O poder do coletivo para a transformação social**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Educação para Sustentabilidade - Gaia Education pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em:

Prof. Mestre Rodrigo Xavier D'Almeida

Instituição: UFRRJ

Assinatura: 


Prof. Anna Tornaghi

Instituição: Gaia Education

Assinatura: 

Prof. Dr. Gustavo Carvalhaes Xavier Martins Pontual Machado

Instituição: UFRJ

Assinatura: 

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Campus Varginha

Fonseca Andrade, Manuela.

O poder do coletivo para transformação social / Manuela Fonseca  
Andrade. - Varginha, MG, 2022.

66 f. : il. -

Orientador(a): Rodrigo Xavier D'Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação para a  
Sustentabilidade) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, MG, 2022.  
Bibliografia.

1. Desenvolvimento comunitário. 2. Comunidades. 3. Transformação  
social. 4. Inovação social. 5. Engajamento comunitário. I. Xavier D'Almeida,  
Rodrigo, orient. II. Título.

## RESUMO

Este estudo tem como tema o poder do coletivo para transformação social. O objetivo geral é analisar e compreender como criar estruturas que apoiem os indivíduos para que coletivamente possam se desenvolver em comunidade. A pesquisa é de abordagem exploratória, qualitativa, e tem como métodos, para coleta de dados entrevistas semi-estruturadas com quatro lideranças comunitárias inspiradoras. Para a análise foi utilizada a análise interpretativa. Através da pesquisa bibliográfica são apresentados os conceitos de vínculos sociais e grupais, sentimento de pertença, declínio do individualismo, design e metodologias colaborativas e a importância de lideranças comunitárias, para compreender o processo de engajamento comunitário. Constatou-se, por fim, que as estratégias utilizadas para o engajamento e desenvolvimento comunitário estão relacionadas à criação de momentos coletivos, em colocar as pessoas no centro dos processos de construção e compreender o que é importante para aquela comunidade específica. Já os desafios estão relacionados à crenças limitantes relacionadas à escassez, o entendimento do nível de comprometimento e a compreensão da diversidade entre as pessoas que fazem parte do coletivo. Ademais, este estudo possibilitou entender o papel de pessoas que, assim como eu, acreditam no poder do coletivo para a transformação social e que acreditam que as lideranças são fundamentais para apoiar as comunidades na transformação e na construção de uma sociedade mais resiliente e regenerativa na qual todos possam ser quem são.

**PALAVRAS-CHAVE:** desenvolvimento comunitário, comunidades, transformação social, inovação social, engajamento comunitário.



## **ABSTRACT**

This study's theme is the collective power for social transformation. Its general objective is analyzing and understanding how to create structures that support individuals so they can collectively develop themselves in a community. This research has an exploratory approach, qualitative, the methods for data gathering are semistructured interviews with four inspiring community leaders. The interviews were analyzed through an interpretive analysis. Through the bibliographic research I presented the concepts of social and group bonds, belongingness, the decline of individualism, collaborative design and methodologies, and the importance of community leadership, so as to understand the process of community engagement. By the end of the study, I observed that the strategies used for community engagement and development are related to the creation of collective moments, putting people in the center of the making processes and understanding what is important for that specific community. As for the challenges, they are related to the limiting beliefs related to scarcity, the understanding of the commitment level and the understanding of the diversity among people that are part of the collective. Moreover, this study enabled me to understand the role people who believe, like me, in the collective power for social transformation and who believe leaderships are fundamental for supporting communities in the transformation and building of a more resilient and regenerative society in which everyone can be who they are.

**KEYWORDS:** Community Development, Communities, Social Transformation, Social Innovation, Community Engagement

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>9</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3.1. O Despertar do Indivíduo para o Coletivo .....</b>	<b>10</b>
<b>3.2. Liderança que apoia o desenvolvimento comunitário .....</b>	<b>14</b>
<b>3.3 Do local para o global - o design e as metodologias colaborativas como ponte.....</b>	<b>18</b>
<b>4. PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>23</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>26</b>
<b>5.1 O despertar do indivíduo para o coletivo .....</b>	<b>26</b>
5.1.1 O caminho de Edgard Gouveia Júnior .....	26
5.1.2 O caminho de Melissa Bivar .....	29
5.1.3 O caminho de Adriana Linhares Queiroz .....	35
5.1.4 O caminho de Isabela Sousa .....	41
<b>5.2 Rituais, vivências, estratégias e metodologias colaborativas .....</b>	<b>45</b>
<b>5.3 Desafios, dificuldades e boas práticas para o engajamento comunitário .....</b>	<b>53</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO A – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O ser humano vive uma crise planetária que se reflete em consequências sociais, econômicas e ecológicas, a qual nos desperta para uma época de transição e mudanças de paradigmas. Com esse despertar, surgem iniciativas e movimentos de transformação social que buscam alternativas para os modelos econômico, cultural e político atuais. Desses, derivam projetos e ações advindos do desejo de indivíduos de trabalhar em prol do coletivo, para que juntos possam viver, criar e prosperar, promovendo o desenvolvimento da comunidade na qual estão inseridos.

A necessidade dos humanos de pertencer a algo ou a algum grupo sempre esteve presente no cerne da sociedade e não à toa, as sociedades se constituíram. Entretanto, com o passar do tempo e, mais especificamente, após a Revolução Industrial e com a difusão do sistema capitalista, o individualismo ganhou protagonismo entre as relações e permanece forte em nossa sociedade. Diante desse cenário de perda das relações comunitárias e centralização em si, na sociedade moderna e urbanizada, o pertencimento e o engajamento comunitário, assim como as ferramentas coletivas de colaboração, tornam-se essenciais para que o desenvolvimento comunitário volte a fazer parte das relações humanas. Dessas novas necessidades de reaprendizagem, nasce a busca por conexões em redes significativas, da expressão de uma inteligência coletiva e da contribuição de diferentes ópticas e conhecimentos de mundo, capazes de gerar transformações sociais que permitam a auto-organização e o engajamento comunitário em sintonia com o mundo que nos cerca. Transformações essas que visam a geração de impacto econômico, social e ambiental, e permitem diminuir desigualdades sociais.

O autor Luiz Inácio Germany Gaiger, no livro “A descoberta dos vínculos sociais”, em 2016, discorre sobre como a crença na autossuficiência dos indivíduos impede que se compreenda a via necessária para a resolução de crises e do mal-estar civilizatório em que a sociedade está submersa, exigindo um novo ponto de partida. Segundo Gaiger (2016, p.10), “o problema de nossa civilização não é econômico”, mas sim, consiste em abandonar o econômico como única fonte de resolução de problemas. Por essa razão, ressurgem “no terreno



econômico, a indicar a existência ou a viabilidade de outras lógicas, outros recursos operantes no tecido social” (GAIGER, 2016, p. 90). Não há como definir um caminho para a transformação da sociedade que não passe pelas relações sociais, mas elas já há muito tempo vêm sendo atravessadas pela economia, pela ecologia e por uma visão de mundo individualista que caracteriza o antropoceno. O historiador brasileiro defende que os meios para a transformação da sociedade e para a resolução das crises estão nos vínculos sociais e, por estes firmarem-se em sistemas de vida não mercantis e experiências alternativas recentes, têm adquirido consciência e encontrado sentidos para além de suas realizações imediatas. Eles acionam outro princípio de ação, promotor de laços e impulsionador da solidariedade (Ibid, 2016, p.12). Por sua vez, os autores Lipovetsky e Serroy (2011) afirmam que a individualização fez surgir um novo tipo de insegurança - a identitária - que estaria relacionada à perda de ancoragens comunitárias, a plena relação dos indivíduos com suas comunidades próximas locais.

Com o passar do tempo, outros valores mais individuais passaram a ditar as regras de conduta e de aceitação nas comunidades. Valores que nitidamente estão levando o planeta à sua destruição e se mostram insustentáveis a longo prazo. Não há como manter um sistema de exploração e consumo infinito de uma fonte finita, neste caso, o próprio planeta Terra, como presenciamos no capitalismo.

Em contraponto, podemos divisar temas como o surgimento de uma chamada desindividualização descrito por Maffesoli em o tempo das tribos em 1998 – o declínio do individualismo na sociedade pós-moderna que, por conseguinte, levarão à busca por alternativas de organização social. Essas novas formas de organização são de grande importância não só para que se compreendam as inquietudes dos indivíduos contemporâneos, mas também para identificar que, mesmo em uma sociedade que se encontra mergulhada em uma série de crises, viver em comunidade é necessário para gerar transformações relevantes e que, através da cooperação e do trabalho conjunto, dispõem de muito mais força e expressão na sociedade contemporânea. Aos poucos, encontramos comunidades voltando a se reconhecer como tal e utilizando-se do poder coletivo para a transformação social indispensável para a manutenção da vida em nosso planeta.

A partir da coletividade e do engajamento, muitas pessoas estão trabalhando juntas com o objetivo de melhorar suas comunidades, ruas, bairros e, principalmente, a vida de quem vive nesses espaços, buscando formas mais autônomas e regenerativas de viver, conviver em comunidades e resgatar as ancoragens comunitárias. Este trabalho se dá na perspectiva de que pequenas mudanças locais, ao serem reaplicadas ou expandidas, podem resultar em mudanças mundiais. A partir deste cenário, nasceu o seguinte problema de pesquisa: Como podemos criar estruturas que apoiem os indivíduos para que coletivamente possam se desenvolver em comunidade? Quais são os mecanismos utilizados pelas lideranças inspiradoras para promover o engajamento coletivo? Quais conhecimentos, ferramentas, rituais comunitários poderiam apoiar ou colaborar para o desenvolvimento comunitário?

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

O elemento central deste trabalho é o poder coletivo para a transformação social e, para tanto, me proponho a compreender e analisar estratégias que apoiam o desenvolvimento comunitário.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar lideranças que possuam práticas regenerativas de atuação e que gerem transformações sociais no Brasil;
- Compreender o percurso do despertar do indivíduo para o coletivo dessas lideranças;
- Contextualizar e compreender as estratégias de engajamento comunitário no processo de formação e desenvolvimento comunitário;
- Entender as principais dificuldades que impossibilitam o engajamento e o desenvolvimento comunitário na perspectiva das lideranças;
- Estudar e sistematizar as boas práticas, estratégias e ferramentas utilizadas para a manutenção, engajamento e desenvolvimento comunitário.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. O Despertar do Indivíduo para o Coletivo

Com o advento do capitalismo liberal e, com ele, o consumo exacerbado durante as últimas décadas, estabeleceu-se uma cultura centralizada no indivíduo, em que “os valores hedonistas, a oferta sempre mais ampla de consumo e de comunicação, e a contracultura convergiram para acarretar a degradação dos enquadramentos coletivos” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 47). Na sociedade moderna, principalmente na urbana, valores comunitários perderam sua importância e outros valores passaram a ditar as regras das comunidades. Como citado na introdução, a individualização fez surgir um novo tipo de insegurança relacionada à perda de ancoragens comunitárias, chamada insegurança identitária.

Uma comunidade é uma construção sociológica que, de acordo com Weber (1987, p. 77), representa uma “relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”. O sociólogo Luiz Inácio Gaiger (2016) relembra os primórdios da humanidade, quando a sociedade se organizava em tribos e cita Karl Polanyi (2000) que afirma que “[o] selvagem individualista, que procura alimentos ou caça para si mesmo ou para sua família, nunca existiu” (Polanyi, 2000 p.73 apud Gaiger, 2016, p.102). Para esses autores, não haveria possibilidade de existência da vida humana sob a lógica individualista. O resgate da valorização dos vínculos sociais e as novas formas de organização social buscam transformar as relações e a sociedade. Os vínculos sociais formam “círculos de interação já não tão estreitos e pessoais, passando a envolver grupos e entidades supraindividuais, dotados de naturezas e de lógicas específicas” (GAIGER, 2016, p.102).

Esses vínculos são classificados e subdivididos em vínculos grupais, societais, interpessoais e individuais, sendo que cada um deles possui características próprias que os diferenciam entre si. Dos vínculos existentes, serão destacados a seguir apenas os vínculos grupais, pois são essenciais para a compreensão da necessidade destes vínculos no processo de colaboração e criação de comunidades. Ainda segundo Gaiger (2016), os vínculos grupais são

formados por identidades e propósitos comuns que criam um sentimento de comunidade. Podemos encontrar iniciativas comunitárias que cumprem uma finalidade para os seus membros e, ao mesmo tempo, se engajam pela coletividade mais ampla em nome de algum interesse pelo qual existem.

Entretanto, para que os laços identitários se mantenham, é necessária a instauração de práticas, formando-se tradições comunitárias e associativas, e criando organizações de suporte e mobilização. Característica marcante nos vínculos grupais é a sua possibilidade de ir e vir, ou seja, a impermanência. Para Gaiger (2016), seriam exemplos de organizações que possuem vínculos grupais: as comunidades virtuais, as associações e os movimentos humanitários. Essas organizações, segundo o autor, geralmente são iniciativas voltadas a promover o bem, sem buscar retorno financeiro. Em sua maioria, são grupos de ajuda mútua baseados na reciprocidade e abertos a novos membros e a novas formas de engajamento, o que significa que estão em constante movimento. Muitas vezes, esses organismos comunitários estão ligados em prol da resolução de um problema em comum, com importância muito maior do que criar vínculos, entretanto, “é no próprio vínculo de confiança, entendimento e atendimento que encontra[m] a solução” (GAIGER, 2016, p. 104).

Buscando explicar a existência de uma força coletiva, Maffesoli (1998), valendo-se de conceitos de Durkheim, traz a ideia de “uma capacidade de se indignar em comum”. Para discorrer sobre a força que move os indivíduos e os organiza em grupos de interesse comum, o autor cunha o conceito de “vitalismo” – uma potência que move as pessoas para viver em conjunto, compartilhar sentimentos e experimentar a vida em sociedade. A conexão entre pessoas, através desse sentimento de pertencimento, constitui comunidades locais, e a união delas gera aquilo que o autor chama de “aldeias na cidade”, conceito cunhado por Maffesoli.

A socialidade da qual o autor trata é composta, portanto, de sentimentos e motivações compartilhadas, uma vez que o vitalismo se encontra no inconsciente dos indivíduos e se manifesta no coletivo. Maffesoli (1998, p. 107) diz que os atores em sociedade são como “uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso alguma importância”. Para o autor, essa socialidade é escolhida de acordo com o

nosso desejo. Ou seja, partilhamos hábitos, costumes, ideologias, a partir de um sentimento que nos aproxima uns dos outros.

E assim, podemos organizar e construir projetos e organizações com quem partilhamos esse sentimento. Por outro lado, muitas vezes o sentimento de pertencimento aflora em prol da defesa da manutenção de uma comunidade em um determinado local, acabando por unir os seus moradores. Como exemplo disso, poderia citar comunidades indígenas que lutam pela demarcação de suas terras ou comunidades periféricas que lutam pela permanência das pessoas nesses territórios, ameaçados pela especulação.

A construção de uma comunidade pode fazer toda a diferença. Existe uma “mente coletiva” que é muito mais sábia do que qualquer indivíduo, “há um potencial muito maior no grupo do que em qualquer esforço individual” (GAIA EDUCATION, 2021). Entretanto, ter consciência disso não é uma tarefa simples, sair de uma perspectiva de vida individual para uma perspectiva de vida coletiva exige esforço. Por mais que:

todos nós viv[a]mos em comunidade uma vez que participamos, nos locais que habitamos e produzimos, das interações sociais e do ecossistema como um todo. Assim, a escolha não é entre viver em comunidade ou não, mas sim até que ponto reconhecemos isso e conscientemente assumimos a responsabilidade de criar uma forma de comunidade engajada e expressa de maneira positiva, permitindo que todos os participantes (humanos e toda a teia da vida) prosperem e expressem seus dons em benefício de todos (GAIA EDUCATION, 2021).

Como mencionado inicialmente e através de indícios arqueológicos, é possível compreender que “o padrão social primordial dos seres humanos é o de viver juntos, em grupos coesos, igualitários e unidos por clãs, intimamente ligados à natureza” (Ibid.). Dessa forma, é necessário que seja proposto “de maneira consciente, jeitos colaborativos e harmoniosos para vivermos e trabalharmos juntos”. Para que isso aconteça, é importante que os indivíduos estejam despertos para que possam “semear, desenvolver e reconstruir grupos, comunidades e redes que fazem sentido, o que é um passo fundamental em direção a um futuro mais resiliente e sustentável” (Ibid.). Entretanto, a criação de grupos, organizações e comunidades colaborativas é um esforço que traz desafios que não devem ser subestimados (Ibid.).

A consciência e a compreensão passam pelo pertencimento que, segundo Marcela Xavier, “é uma das necessidades mais básicas de qualquer ser humano,

e infelizmente é também uma das mais difíceis de experienciar” (XAVIER, 2021). A pesquisadora afirma que “precisamos tanto de pertencimento que, frequentemente, na tentativa de pertencer a um grupo, entramos em conformidade. Por mais que muitas vezes nem percebamos que fazemos parte de uma comunidade, é fato que:

somos todos parte de grupos interconectados. A maioria dos atos humanos significativos é determinada pelo fato de fazer parte de um grupo. Família, colegas de classe e de trabalho, amigos, vizinhos e organizações comunitárias são alguns dos grupos de que fazemos parte e que nos permitem suprir nossas necessidades básicas. Esses grupos não são apenas uma coleção de indivíduos, eles possuem objetivos e metas em comum, regras para seus membros e uma identidade coletiva que, até certo ponto, determina o comportamento dos indivíduos (GAIA EDUCATION, 2021).

Nesse processo de busca pela construção de uma comunidade percebe-se que é:

através dele que um grupo se torna consciente de sua própria existência, enquanto unidade coletiva de vida, e do espírito de vida que a sustenta. Construir comunidade é invocar o espírito do grupo através de uma visão clara e compartilhada. É cuidar do espírito do grupo através de comunicação compassiva, empatia e assertividade, gerando assim confiança e um clima de trabalho agradável. (Ibid., 2021)

Podemos pensar em comunidade em diferentes níveis, de acordo com Joanna Macy e Chris Johnstone, no livro “Esperança Ativa”, em que são ampliados progressivamente “nosso senso de pertencimento, reconhecimento e ação” (MACY; JOHNSTONE, 2020, p. 125). Esses níveis seriam: “Grupos em que nos sentimos em casa, a comunidade mais ampla ao nosso redor; a comunidade global da humanidade e a comunidade viva da Terra” (MACY; JOHNSTONE, 2020, p. 125).

Os mesmos autores, MACY e JOHNSTONE (2016), identificaram três dimensões que caracterizam a Grande Virada, de uma sociedade de crescimento industrial para uma sociedade que sustenta a vida e que está acontecendo a partir das ações de diversos grupos humanos engajados. A primeira dimensão refere-se às Ações Defensivas, as quais “interrompem a desestruturação social, cuidando dos que sofreram danos e protegendo as comunidades contra exploração, guerra, fome e injustiça”. Essas ações “defendem nossa existência

compartilhada e a integralidade da vida em nosso lar planetário” (MACY; JOHNSTONE, 2016, p. 136).

A segunda dimensão, chamada de Práticas e Sistemas com Vidas Sustentáveis, se ocupa de repensar e redesenhar estruturas e sistemas na sociedade de fomento a cultura sustentável; e a terceira dimensão, chamada de Mudança na Consciência, aborda o *self* conectado, no sentimento de pertencimento e entrelaçamento com o mundo, na maneira como pensamos e percebemos a nós mesmos e ao mundo (MACY; JOHNSTONE, 2016). Dessa forma, o entrelaçamento entre as três dimensões é a formação de comunidades, de relações que sustentam a vida, levando a mudanças de percepção e sentido para a existência, ao mesmo tempo em que são gerados impactos positivos no mundo.

No processo de construção de comunidades, é muito importante que as pessoas despertem de uma lógica individual para uma consciência coletiva. Nesse movimento, acabam por surgir lideranças comunitárias, pessoas que conseguem sair de um conformismo com a situação em que se encontram para uma vontade de transformação social. Essas lideranças também se mostram como lideranças sociais quando agem por meio de projetos que levam à comunidade a oportunidade de usufruir de seus direitos e as ajudam a recuperar as ancoragens comunitárias. Entretanto, nenhuma liderança social consegue agir de forma isolada, pois precisa se articular em rede com outros movimentos, como associações, grupos de moradores, ONGs e escolas, mobilizando esses agentes em prol de objetivos em comum. No próximo capítulo, explorarei mais detalhadamente o papel das lideranças sociais e como elas podem apoiar o desenvolvimento comunitário.

### **3.2. Liderança que apoia o desenvolvimento comunitário**

A bióloga evolutiva Lynn Margulis afirma que “se quisermos sobreviver à crise social e ecológica que criamos, precisamos nos envolver profundamente no desenvolvimento de novas estruturas comunitárias dentro da sociedade”. É possível encontrar territórios em que novas estruturas comunitárias já estão sendo desenvolvidas e o declínio do individualismo ganha espaço. Nesses territórios, é possível identificar os vínculos grupais, o sentimento de pertencimento, dinâmicas



comunitárias e uma colaboração genuína entre os seus atores. Em outros territórios, a especulação imobiliária, os crimes ambientais e outras ameaças que colocam a comunidade em constante risco fazem com que ela se una para construir ambientes e vivências que possibilitem sua permanência, proporcionando uma vida com mais coletividade. Em geral, a ausência do Estado gera uma série de problemas que afetam diretamente a vida dos moradores dos espaços coletivos.

Ailton Krenak, em entrevista para a Revista Periferias, em 2018, intitulada “A potência do sujeito coletivo”, fala sobre a experiência engajada. Para o ativista, “quando você vive numa pequena comunidade, ou quando você consegue extrapolar os limites dessa comunidade onde nos sentimos protegidos pela memória e pela história. Extrapolar esses limites da comunidade é uma rara experiência que algumas pessoas realizam conscientemente, de maneira ativa” (KRENAK, 2018). quando você vive numa pequena comunidade, ou quando você consegue extrapolar os limites dessa comunidade onde nos sentimos protegidos pela memória e pela história. Ao viver em uma “comunidade indígena, ou uma dessas comunidades autônomas que vivem nas periferias do social [...] é como se estivéssemos vivendo em isolamento do mundo planejado, onde acontecem muitas invenções” (Ibid., 2018). Nessas pequenas comunidades de que fala Krenak, as pessoas crescem escutando histórias dos seus lugares, tendo a oralidade como a mais importante forma de transmissão de conhecimento entre as pessoas; por muitas vezes, esse conhecimento se perde com o tempo, caso não haja interesse, registro e fortalecimento comunitário. Segundo Krenak é:

o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo a que ele pertence; isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo. (Ibid., 2018)

Ao perceber-se enquanto sujeito desse local, se estabelece uma relação de pertencimento e, para Krenak, ao perceber-se também como parte de um local alerta-se para a “potência de sujeito”, para o pensador, nesses locais a ideia de cidadão é muito sofisticada e por isso:

a maioria das pessoas que se movimentam em suas vidas para largar o espaço de existência não despertam porque já têm uma ideia do que é

ser cidadão, isso é um sentimento natural de buscar ar para respirar, de conviver, de poder fazer uma festa, dar comida, compartilhar as coisas. (Ibid.,2018)

Ao compreender essa falta de direitos, acessos e condições básicas de viver em suas comunidades, surgem insatisfações, incômodos e os sujeitos coletivos. Esses atuam de diversas maneiras em prol de suas comunidades. No livro “Liderança Regenerativa”, Felipe Tavares discorre sobre a importância da liderança para a regeneração. Para o autor, “a regeneração é uma proposta de harmonização das atividades humanas com a inteligência dos sistemas vivos” (TAVARES, 2019). Para que essa proposta ocorra, segundo o autor, “precisamos de pessoas que refaçam o papel da humanidade. Precisamos de pessoas que quebrem as regras, desafiem o estabelecido e superem o convencional. E que nos mostrem como” (Ibid., 2019).

A liderança é fundamental para que seja possível construir caminhos para um futuro viável e uma jornada de transformação. Para o autor, “precisamos de pessoas que assumam a responsabilidade de liderar a partir de um propósito coletivo e cuja motivação seja sanar as dores de Gaia. A essas pessoas, nós podemos dar o nome de líderes regenerativos.” (Ibid., 2019). Não podemos esquecer que, por mais que a liderança seja fundamental, “o mundo é resultado de uma teia complexa de relacionamentos e não há um único agente capaz de mudá-lo sozinho. Mas uma coisa podemos mudar: a nossa contribuição na teia da vida” (Ibid., 2019). No livro, o autor discorre sobre a importância de olharmos para dentro e nos conhecermos, para ele “a transformação pessoal inspira a transformação coletiva”, reforçando a importância do despertar do indivíduo para o coletivo. No entanto, por mais que essa busca também seja individual, ela não pode cair num lugar apenas de responsabilização do indivíduo. Ao encontro desse pensamento, a Dra. Karambu Ringera, em uma palestra para a comunidade denominada *O lugar*, em 2022, conversou sobre “Utu, ubuntu e o poder da comunidade” e trouxe uma reflexão muito interessante:

Para mim, estar em comunidade é sentir e acolher totalmente uns aos outros. Então sentir e acolher totalmente um ao outro, eu digo é conhecer e ser totalmente “ubuntu”. “Ubuntu” é um termo africano que significa “eu sou porque você é, e porque você é, eu sou”. Isso significa, para mim, que comunidade é sobre ser um, reconhecendo que somos um. Mas como eu posso ser inteira na minha comunidade com os outros se eu

não aprendi a ser inteira em comunidade dentro de mim mesma?  
(RINGERA, 2022, online)

Essas lideranças comunitárias podem ter um papel importante para a regeneração, liderando iniciativas que promovam o desenvolvimento local e a inovação social. Neste âmbito, em um relatório de 2017 do Fundo Casa Socioambiental, instituição que trabalha com desenvolvimento e fortalecimento de comunidades, define-se que a inovação social é “aquela produzida por um grupo ou comunidade que fortalece a capacidade coletiva de seguir se desenvolvendo”. Para que esse processo aconteça, segundo a organização, é preciso iniciar-se com:

a formação de um grupo em torno de uma problemática e, ao longo do tempo, agregar uma série de capacidades e competências que permitirão ao grupo responder a desafios futuros. Nesta perspectiva, é a própria comunidade quem, através de uma inovação social, promove o desenvolvimento local, construindo uma experiência com potencial de replicabilidade em realidades e contextos semelhantes. (FUNDO CASA, 2017 p.9)

A instituição também afirma que por mais que a inovação social seja comumente mais associada às zonas urbanas, é possível encontrar nas zonas rurais “fortes redes comunitárias, saberes tradicionais que se fortaleceram com o tempo e fizeram nascer uma capacidade de gerar soluções práticas com os recursos disponíveis, muitas vezes sem acesso a qualquer conhecimento científico (Ibid., 2017). Compreende-se a importância de registrar essas práticas e inovações comunitárias que geram transformações sociais.

No livro “Design para culturas regenerativas”, o autor Daniel Wahl apresenta a necessidade da construção de comunidades prósperas e evidencia que “a participação em comunidades prósperas faz com que os indivíduos prosperem, e através da colaboração podemos criar prosperidade para todos” (WAHL, 2020). Para o designer, em uma perspectiva sistêmica, uma vez que a verdadeira prosperidade vai muito além de atender às necessidades materiais, mas sim de dar “igual importância ao estabelecimento de condições sociais e psicológicas nas quais indivíduos e comunidades possam prosperar” (Ibid., 2020). Na sequência, o autor afirma ainda que, na escala das comunidades locais, a abundância e a prosperidade humana não se baseiam exclusivamente na disponibilidade de recursos materiais, mas também na criatividade e nos relacionamentos humanos:

A prosperidade da comunidade e do indivíduo depende de como colaboramos para criar soluções para todos. Diante das múltiplas crises convergentes que estão desafiando a humanidade, participar da cocriação de comunidades locais prósperas como expressões de uma cultura humana regeneradora pode oferecer esse sentido de significado e propósito na vida. (Ibid., 2020)

Compreender essas relações e como essas lideranças atuam em seus territórios, engajando suas comunidades em prol de prosperidade, nos ajudará a traçar caminhos para entender como essas tecnologias sociais ajudam no desenvolvimento comunitário em uma perspectiva regenerativa local. Para Daniel:

Boas soluções e respostas apropriadas podem vir da troca global de conhecimento, mas nascem das condições únicas de um lugar específico e de sua cultura específica. Acertar as perguntas torna as melhores práticas transferíveis de região para região, transformando exemplos de "melhores práticas" em metodologias de "melhores processos". As perguntas certas podem ajudar a orientar a transformação cultural de longo prazo, permitindo-nos identificar as soluções do passado que se transformaram em problemas e convidam a mais inovações transformativas (Ibid., 2020).

Tanto Tavares quanto Wahl afirmam que nesse processo é importante fazer-se perguntas não apenas para encontrar as respostas para as necessidades atuais, como também para nos ajudar a fazer perguntas melhores. Essas perguntas nos ajudarão a compreender "algo sobre nós mesmos e sobre nossos relacionamentos em um contexto mais amplo". Para o autor, "o indivíduo e a comunidade são pólos de uma mesma unidade, e uma pessoa só existe enquanto atua pelo bem comum da comunidade a que pertence". (WAHL, 2020). Sem comunidade não há indivíduo, e sem seres singulares não há comunidade (Ibid., 2020). E é isso que o presente trabalho se propõe a compreender: como essas lideranças começaram e quais estratégias utilizaram para engajar-se e engajar outras pessoas em prol das coletividades e das suas comunidades.

### **3.3 Do local para o global - o design e as metodologias colaborativas como ponte**

Seguindo essa linha de pensamento, é possível compreender a importância do resgate das comunidades e do papel das lideranças comunitárias,

mas ainda é preciso entender como expandir esses conhecimentos e de fato promover transformação social. Assim, dedicarei o próximo capítulo a tentar encontrar alguns caminhos e ferramentas que possam apoiar essa caminhada.

Daniel Wahl, acredita que “praticamente todas as estruturas e instituições ao nosso redor precisam de inovação, redesign e transformação” (WAHL, 2020). Essas mudanças transformacionais passam por escalas locais, regionais e nacionais até chegarem à esfera global. O autor acredita que para a inovação transformadora desenvolver seu potencial criativo, é necessário que seja realizado:

Um redesign no sistema financeiro e econômico em todos os níveis, desde o local até o global. Mas a transformação mais radical que tem que acontecer antes de "fazer um redesign da presença humana na Terra" é questionar profundamente a nossa maneira de pensar, a nossa visão de mundo e o nosso sistema de valores. Mudanças nos nossos modelos mentais, crenças básicas e suposições sobre a natureza da realidade afetarão como, o que e por que do design, as necessidades percebidas, as perguntas que fazemos e, portanto, as soluções ou respostas que propomos (WAHL, 2020).

O autor acredita que essa transformação cultural já está a caminho e que a humanidade começa a entender a complexidade dos desafios que estão chegando, pois “um novo tipo de liderança individual e coletiva se manifesta nos negócios, na sociedade civil e na governança. Depois de séculos de escassez e concorrência por todo lado, descobrimos a abundância revelada por meio da cooperação e da partilha” (WAHL, 2020).

Para contribuir e transformar essas iniciativas locais em tecnologia social que possa apoiar o desenvolvimento de outras comunidades, surgem o design e as metodologias colaborativas que podem auxiliar nesse processo, bem como estratégias de relacionamento, engajamento e rituais que apoiam o fortalecimento do tecido social. Durante essa pesquisa, conforme citado nos objetivos, com algumas lideranças comunitárias, busquei compreender o percurso do despertar do indivíduo para o coletivo, assim como quais são os rituais, práticas e mecanismos utilizados para promover o engajamento comunitário. A partir dessas entrevistas busquei mapear quais são as estratégias consideradas necessárias para manter uma comunidade engajada, bem como quais são as maiores dificuldades que cada liderança encontra nesse percurso e, assim, entender quais os maiores desafios encontrados em viver em comunidade.

A partir dessas trocas, foi possível encontrar alguns caminhos possíveis para entender e futuramente, quem sabe, apoiar outras comunidades em seus processos de empoderamento e construção de identidade comunitária. Nesse trajeto, acredito que o design pode ser uma excelente ferramenta para aproximar esses atores. Nesse sentido, Meroni (2008) explica que:

O design centrado na comunidade enfatiza a compreensão das necessidades e comportamentos sociais, mais do que aqueles individuais, e incorpora uma atitude de codesign para que seja possível projetar a mudança estratégica em uma colaboração muito próxima com a comunidade.

Nessa perspectiva, as estratégias são criadas no âmbito das comunidades e o Design Estratégico traz a possibilidade de promover o desenvolvimento sustentável de lugares e regiões, bem como de mudanças radicais nas formas de vida (MERONI, 2012). Assim, as decisões estratégicas são resultantes da interação com o ambiente, seus atores, suas restrições e oportunidades, de modo a favorecer os interesses da comunidade mais do que dos indivíduos (MERONI; SANGIORGI, 2011). A partir do entendimento de Inovação Social orientada pelo design, como a criação de uma nova solução que é gerada por meio de novas colaborações sociais, capazes de resolver as necessidades sociais de uma população, de maneira mais eficaz, eficiente e sustentável do que os serviços existentes oferecidos pelo Estado. Considera-se aqui como Inovação Social aquela

capaz de responder às necessidades da sociedade de hoje, de gerar mudanças duradouras e de melhorar problemas sociais amplos através de uma mudança no tecido social e de uma reorganização do existente. Nela, as pessoas interessadas participam do processo e são capacitadas por ele, permitindo, assim, a redistribuição do poder de decisão da sociedade. Portanto, ao considerar o contexto de vida cotidiano, as inovações sociais são inovações que têm o potencial de permitir a uma comunidade solucionar um problema e gerar novas oportunidades por meio de uma nova organização dos recursos locais (FREIRE, 2021).

Para que as inovações sociais aconteçam de formas mais regenerativas, é necessário que para pensar relações, soluções e sistemas que promovam uma cultura de “ganha-ganha-ganha”, em que além das pessoas envolvidas seja considerada também a natureza, propiciando dessa forma que a vida continue a existir, Wahl defende que devemos “aumentar a diversidade, a complexidade, a

bioprodutividade e a resiliência”. Ao pensarmos em vitórias em culturas regenerativas, segundo Wahl (2020), deveríamos pensar em três tipos de vitórias: “individuais, coletivas e planetárias” (WAHL, 2020), essas devem ser criadas através de soluções “ganha-ganha-ganha” que “sustentam a saúde, o bem estar social, a ecologia e a economia[...] e que impulsionam a regeneração cultural, ecológica e econômica.” (Ibid.). Através da colaboração, essas inovações compartilham abundância e “otimizam o sistema como um todo em vez de maximizar ganhos de curto prazo para poucos, com detrimento econômico, social e ecológico para muitos” (WAHL, 2020). Dois exemplos de filosofias que utilizam o design, seguem uma lógica “ganha-ganha-ganha” e podem ser aplicadas em colaboração são a Permacultura e o *Dragon Dreaming*.

Na década de 1970, Bill Mollison e David Holmgren criaram o termo *Permaculture*, que, inicialmente, significava, *permanent agriculture*, ou agricultura permanente, sendo traduzida para o português como Permacultura. Com o passar dos anos, ela passou a ser compreendida como cultura permanente, pois sua visão foi sendo ampliada e passou a incluir conhecimentos de diversas áreas científicas, indo muito além da agricultura. A Permacultura é uma visão de mundo que entende a vida como um sistema vivo. Isso significa compreender a interdependência de tudo que compõe um ecossistema, sendo ele grande ou pequeno. Ela é regida por três éticas e que se baseiam na observação da ecologia e da sua maneira sustentável de interação para “cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilhar os excedentes” (MOLLISON, 1988). No livro *Permaculture: A Designer's manual* (1988), Bill Mollison, descreve os “12 Princípios de Design da Permacultura” (o livro ainda não possui uma tradução para o português, mas muitos pesquisadores e estudiosos já traduziram alguns dos princípios para o nosso contexto), um deles é “Os doze princípios de planejamento permacultural” que foram desenvolvidos ao longo de mais de duas décadas e publicados em 2002 por David Holmgren através do livro “Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade”, publicado em português em 2013. Além disso, a pesquisadora Looby Macnamara, em seu livro *People & Permaculture: Designing personal, collective and planetary well-being* (2012), ainda sem tradução para o português, teorizou e trouxe exemplos práticos de como a Permacultura pode ser aplicada em contextos sociais, ajudando a encontrar uma visão mais ampla para

todos os nossos sistemas sociais e para a conexão entre as pessoas. Os doze princípios seriam:

Observar e interagir; Capturar e armazenar energia; Obter rendimento; Aplicar autorregulação e aceitar retroação; Usar e valorizar serviços e recursos renováveis; Não produzir resíduos; Desenhar os padrões aos detalhes; Integrar mais que segregar; Usar soluções pequenas e lentas; Usar e valorizar a diversidade; Usar limites e valorizar o marginal; Usar e responder à mudança com criatividade (HOLMGREN, 2013).

Já o *Dragon Dreaming* é “uma tecnologia social de design de projetos aplicada a pessoas, grupos, projetos e organizações” (DRAGON DREAMING, 2022, online) e tem como objetivo “a realização de sonhos que apoiam a vida em nossas comunidades e no planeta” (Ibid., 2022), ou seja, apoiar projetos “ganha-ganha-ganha”. Surgiu do trabalho e da prática de John Croft com Vivienne Elanta, além de outros membros da Gaia Foundation of Western Australia (Fundação Gaia da Austrália Ocidental) e já possui praticantes no mundo todo. O *Dragon Dreaming* apresenta linguagem, exercícios e práticas inclusivas que podem ser utilizadas por populações tradicionais, comunidades e outros que não tiveram acesso à capacitação formal em gestão de projetos. O *Dragon Dreaming* é uma abordagem que pode ser compreendida como

uma filosofia que é ancorada pela cultura aborígine australiana (CROFT 2011), da Ecologia Profunda (MACY & BROWN, 2004), teoria dos sistemas vivos (BATESON, 1986) e o pensamento de Paulo Freire (1986). Ao longo da busca por maior efetividade de ações dos movimentos sociais e ambientalistas, o método foi sendo testado e aprimorado no fluxo do ativismo socioambiental. (MACHADO, BARBUTO & CROFT, 2021 p. 146)

Na utilização do *Dragon Dreaming* como uma metodologia colaborativa de projetos, “abre-se espaço para o diálogo e para empoderar pessoas, aumentando o empenho e o engajamento e contribuindo de forma significativa para o sucesso do projeto e para o bem viver planetário.” (DRAGON DREAMING, 2022, online)

Para compreender, que remete ao referencial teórico referente à pesquisa, fui a campo entrevistar com quem na prática está trabalhando para a construção e engajamento comunitário. Foram escolhidas lideranças inspiradoras do Brasil que desenvolvem projetos comunitários em territórios e que colaboram para a transformação social. No próximo capítulo, exploraremos o percurso metodológico e a costura entre a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo.



#### 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo abordo, inicialmente, o percurso metodológico que deu base ao estudo. Na sequência, descrevo as lideranças e profissionais entrevistados, bem como outras informações a respeito das ações e iniciativas que compõem os projetos em que estão envolvidos e, por fim, apresento a análise dos resultados das entrevistas.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a pesquisa qualitativa, em formato de entrevistas semi-estruturadas. Para Gil (2008, p. 41), as pesquisas qualitativas “têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Segundo Minayo (2001):

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com a finalidade de entrevistar lideranças comunitárias inspiradoras, ou seja, lideranças que estão à frente de comunidades e fazem parte de coletivos e projetos que geram transformações sociais, busco compreender duas perspectivas: uma liderança que atua em sua comunidade e uma liderança que atua em rede, dessa forma busquei ter diferentes perspectivas e olhares sobre o caminho do despertar do indivíduo para o coletivo e formas de atuação, foram escolhidas pessoas para serem entrevistadas que já tem um trabalho consolidado na área ou na comunidade em que atuam

. Inicialmente, a pesquisa também se propôs a entrevistar uma liderança indígena, mas, por questões de aproximação, comunicação e pouco tempo para se envolver com as comunidades, optei por focar nas outras duas representações. Na pesquisa exploratória, foi possível identificar lideranças comunitárias inspiradoras como Adriana Queiroz e Isabela Sousa e pessoas que trabalham com engajamento comunitário como Edgard Gouveia Júnior e Melissa Bivar e tantos outros que, por falta de tempo ou disponibilidade, não pude incluir nessa pesquisa. Para a definição das lideranças e profissionais, realizei uma pesquisa exploratória que segundo Gil (2002, p. 41) têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Para entender o ponto de vista dos entrevistados, realizei entrevistas com roteiro

semiestruturado. Para Duarte (2009), a entrevista é uma técnica dinâmica e flexível, útil tanto para apreensão de uma realidade, para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, quanto para a descrição dos processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. Ela tem como objetivo “buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada” (DUARTE, 2009, p. 64). Por conta disso, foram realizadas entrevistas do tipo semi estruturadas, visto que existia a possibilidade de criar novas perguntas a partir das reflexões dos entrevistados de acordo com a necessidade. A entrevista semiestruturada é uma técnica qualitativa, geralmente individual, e tem como objetivo fornecer elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema.

A etapa de pesquisa em campo foi realizada no período de junho a julho de 2022, quando foram conduzidas as entrevistas semiestruturadas com as lideranças e profissionais de forma presencial e remota. O roteiro das entrevistas foi desenvolvido previamente com o objetivo de elaborar perguntas simples e que ajudassem na reflexão. Posteriormente foram organizadas em três grupos de análise: 1) o caminho do despertar do indivíduo para o coletivo; 2) rituais, vivências, estratégias e metodologias colaborativas para o engajamento comunitário e 3) desafios, dificuldades e sugestões para o trabalho coletivo. O roteiro de entrevistas pode ser visto no apêndice A. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente para posterior análise, com consentimento dos participantes e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os termos podem ser encontrados no anexo A.

Como método de análise, optou-se pela Análise Interpretativa proposta por Severino (2007). De acordo com o autor, essa forma de análise busca a compreensão objetiva da mensagem comunicada pelo texto. Segundo ele, interpretar

é tomar posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim é dialogar com o autor (SEVERINO, 2007, p. 59).

A análise foi construída em etapas. Em um primeiro momento, organizei as entrevistas em categorias em um *Miro* que, de acordo com seu site, é uma “plataforma colaborativa com uma lousa digital online”. Este processo foi

importante para organizar as informações contidas em mais de 30 páginas de transcrições na busca de identificar as interseções e respostas para os objetivos da pesquisa.

Em seguida, utilizei os resultados da pesquisa costurando-os com referências bibliográficas. Assim, reuni alguns resultados das entrevistas com vistas a responder os objetivos propostos para o estudo e entregá-los de uma forma objetiva para que possam ser utilizados facilmente por qualquer liderança comunitária ou pessoa que deseje trabalhar com engajamento comunitário. Na sequência, detalho os dados coletados e a construção da minha análise.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 O despertar do indivíduo para o coletivo

Para encontrar respostas às seguintes problemáticas de pesquisa: Como podemos criar estruturas que apoiem os indivíduos para que coletivamente possam se desenvolver em comunidade? Quais são os mecanismos utilizados pelas lideranças inspiradoras para promover o engajamento coletivo? Quais conhecimentos, ferramentas, rituais comunitários poderiam apoiar ou colaborar com o desenvolvimento comunitário?

Entrevistei quatro lideranças escolhidas a partir da sua atuação em suas comunidades, duas pessoas que são líderes comunitárias e duas pessoas que são lideranças de projetos de engajamento comunitário, todas foram escolhidas por liderarem projetos de desenvolvimento comunitário que proporcionam transformações sociais. Logo abaixo, apresentaremos os participantes:

#### 5.1.1 O caminho de Edgard Gouveia Júnior

**Edgard Gouveia Júnior** nasceu em Santos, é arquiteto e urbanista, além de pós-graduado em jogos cooperativos; dedica sua trajetória a mobilizar crianças, jovens e adultos com jogos virtuais, gincanas e ações coletivas que promovem pequenas revoluções comunitárias. Durante nosso bate-papo, ao ser perguntado sobre “Pra você o que é viver em comunidade?”, Edgard respondeu que “a comunidade é pelo menos uma pessoa a mais que você possa praticar”, parafraseando Marshall Rosenberg, criador do conceito de comunicação não-violenta (CNV). Essa frase ecoou em mim durante bastante tempo, na minha perspectiva ela nos provoca a resgatar as ancoragens comunitárias, abordadas no referencial teórico, em todas as relações, na relação um para um e não só em um grupo. Nessa mesma fala, Edgard discorre sobre o que é viver em comunidade; na sua percepção,

viver em comunidade é ter uma causa em comum, no meu caso já foi vôlei, arquitetura, foi movimento estudantil, já foi ação em comunidades, sustentabilidade. Para mim, quando você tem uma cola em comum, uma coisa que nos ligue e um acordo em comum

de caminhar e se autodesenvolver juntos em direção aquilo, tem uma coisa de realizar aquilo e que naturalmente a gente possa se autodesenvolver e criar laços afetivos, emocionais, espirituais, físicos (GOUVEIA, 2022).

Aqui podemos perceber claramente a importância e a necessidade do resgate de nossos vínculos grupais, os quais, segundo Gaiger (2016), são formados por identidades e propósitos comuns que criam um sentimento de comunidade. Essa “cola comum” evidenciada pelo entrevistado faz com que voltemos a nos sentir parte de algo e faça ressurgir sentimentos que estavam adormecidos com a disseminação do individualismo na sociedade, como exposto na introdução.

Ao ser questionado se “houve um despertar do seu indivíduo para o coletivo? E se existiu algum momento-chave em que você tenha se dado conta disso?”, o entrevistado relembra da primeira vez em que presenciou um experiência comunitária consciente, na época em que jogava vôlei e seu time foi para outra cidade jogar um campeonato; até então, suas vivências eram muito individualizadas e solitárias: ia para a praia sozinho, era mais introspectivo até que, ele acrescenta:

eu lembro da roda inteira cantando as músicas junto e aquelas músicas mineiras, e eu não sabia aquelas músicas, e eu ficava impressionado com aquele coro, como é que eles sabem e eu não sei? Mas esse outro grau de coletivo, essa expressão do coletivo em torno da fogueira me deixou pasmo, eu pensei: “eu quero fazer parte disso aí”, aquela emoção que eles estavam me transmitindo, eles estavam só cantando juntos, isso não tem no estrangeiro, só no Brasil. Que você sinta em torno de uma fogueira e todo mundo canta uma música juntos, foi esse o despertar puro, nesse momento, eu quero fazer parte disso aí, algo aqui, que eu não sabia o que era, tinha uma mágica, algo que está acontecendo, isso não acontece sozinho, eu quero mais disso aí (GOUVEIA, 2022).

Como evidenciado no referencial teórico, é nas trocas coletivas e na criação de comunidades que “um grupo se torna consciente de sua própria existência, enquanto unidade coletiva de vida, e do espírito de vida que a sustenta” (GAIA, 2017). Assim, ao construirmos uma comunidade, invocamos o espírito do grupo através de uma visão clara e compartilhada. Nessa experiência ao redor da fogueira, onde todos compartilham algo em comum - as músicas -, Edgard sentiu florescer um sentimento de pertencimento coletivo que até então não havia experienciado e, desde então, dedica-se a conhecer manifestações coletivas e

encontrar formas de mudar o mundo. O despertar do indivíduo para o coletivo aconteceu.

Aos 23 anos, abandona o vôlei para se dedicar ao Curso de Arquitetura e, no movimento estudantil, tem contato com uma diversidade de ideias e opiniões “entendi que mudar o mundo era um processo ‘tribal’, no qual a presença do afeto era fundamental” (GOUVEIA, 2022, online).

Depois de viabilizar a renovação do Museu da Pesca de Santos, em São Paulo, onde por quatro anos (de 1996 a 2000) trabalhou junto a governos, instituições e a comunidade, desenhando um processo *gameficado* que mais tarde se tornaria os primeiros passos do Instituto Elos, do qual fez parte até 2011. Lá criou uma metodologia de brincadeiras sociais batizada de Oásis, que ajudou a revitalizar diversas comunidades. O Jogo Oasis é “uma ferramenta de apoio à mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos” (OLIVEROS, 2022). Composto por jogadores e comunidades, o jogo considera uma “definição ampla de comunidade que envolve diversos atores, como moradores, ONGs, governo local, lideranças e empresas”(Ibid.,2022). Foi criado para ser de uso livre e praticado de forma totalmente cooperativa, para que todos, juntos, realizem algo em comum.

Edgar também é fundador do programa Guerreiros Sem Armas, “programa educacional, que tem como missão formar jovens para transformar o mundo” (Ibid.). Desde 1999, foram mais de 519 participantes de 49 países que impactaram mais de 1557 locais. Segundo o site do Instituto Elos, o nome do programa é inspirado em um mito da tribo Txucarramãe e diz muito sobre o propósito, nas palavras de Kaká Werá: “No caminho do guerreiro, quando você descobre o que tem feito da sua vida e como é sua dança no mundo, desapega-se aos poucos das armas, que são criações feitas para matar criações. De repente, descobre-se que, quando paramos de criar o inimigo, extingue-se a necessidade das armas” (Ibid.). Nessa oportunidade, Edgard conseguiu sair de uma escala local para uma escala de ação que hoje já é global. Segundo o site do Instituto Elos, “desde 1999, foram 519 participantes de 49 países que impactaram mais de 1557 locais” (Ibid.).

Após um período sabático (entre novembro de 2009 e maio 2012), viajou por 42 países e teve a oportunidade de conhecer diversos projetos e pessoas que o ajudaram a se inspirar para a criação do *Play the Call*, uma gincana mundial

online que tem tarefas concretas no mundo real, é baseado na ideia de que fazer junto é mais divertido e que esse é o jeito mais fácil para salvar o mundo. Criamos várias missões que desafiam os participantes a realizar ações em temas relevantes à sustentabilidade do planeta com seus amigos, família, vizinhos e até desconhecidos. Desde então, se dedica à cocriação das Jornadas Épicas, mobilizando pessoas, organizações e comunidades a lidar com questões específicas para cuidar dos ambientes ao seu redor, por meio do jogar e do brincar. Edgard, acredita que ao brincar “todo mundo quer oferecer ao mundo a sua melhor versão e isso acontece, muito especialmente, quando se brinca” (GOUVEIA, 2022).

Em nossa entrevista, ao ser indagado sobre “Você acredita que o coletivo tem poder de transformar a sociedade?”, foi muito franco em responder que

só o coletivo tem poder de transformar a sociedade, não gosto muito de falar só, fico pensando quem sozinho faz algo? Mas como estamos falando da sociedade, pode ser um espaço, a sociedade tem que ser coletiva e a sociedade se transforma (Ibid.).

Para o entrevistado “qualquer que seja o problema ou a pergunta, a resposta é comunidade, como aprendemos com as comunidades tradicionais e ancestrais” (Ibid.). Aqui, podemos traçar um paralelo com a “potência do sujeito coletivo”, mencionada no terceiro capítulo, em que Krenak fala sobre a importância do sentimento de comunidade presente nas comunidades tradicionais, onde há uma troca entre os sujeitos muito maior e que isso fortalece não apenas a experiência de vida de cada sujeito, mas também garante a constituição de um sujeito coletivo. Ou seja, as respostas para as perguntas, e até mesmo as perguntas - para que possamos ter transformação social -, estão na comunidade, no coletivo.

### 5.1.2 O caminho de Melissa Bivar

A segunda entrevistada foi **Melissa Bivar**: empreendedora social, Designer em Sustentabilidade pelo Gaia Education, Comunicóloga, facilitadora de processo, planejamento e co-gestão de projetos de construção coletiva. Ela investiga novas formas de relações econômicas para construção de comunidades

e organizações sistêmicas. Nos últimos 10 anos, tem atuado em iniciativas e projetos que possam provocar quebras de paradigmas promovendo impactos positivos e transformação da realidade.

Logo na primeira pergunta, “Pra você o que é viver em comunidade?”, Mel, como é conhecida, questiona que tipo de comunidade estamos falando; pedi que falasse o que viesse à mente sem muita preocupação com conceitos. Na sua visão, estar em comunidade é “esse lugar de uma entrega de confiança, é uma entrega de confiança independente do lugar[...] Mas o outro não merece minha confiança, independente desse lugar do outro em si na história, é um lugar da gente confiar” (BIVAR, 2022). A confiança é um dos principais vínculos, como teorizado por Gaiger, e é fundamental para permitir que consigamos nos conectar verdadeiramente com o outro:

ao longo da minha trajetória [...] desse novo universo, de uma nova forma de estar no mundo, de poder estar no mundo de uma forma mais atenta, empoderada e presente, umas das coisas que para mim foi revolucionária foi o resgate da capacidade de confiar não só na gente mas confiar no outro, então para mim a nossa capacidade de voltar a confiar é revolucionária em um processo de construção de comunidades. (BIVAR, 2022)

Mel, também traz outras características fundamentais para a construção de comunidades, o cuidado mútuo, a convivência e o respeito às diferenças, enfatiza que

mesmo na diferença, faz sentido estar junto, faz sentido construir meios de a gente se cuidar, então viver em comunidade é um lugar de confiança e cuidado mútuo, sabe? Nessa intencionalidade que seja do trabalho, que seja do viver junto, do conviver, é numa intenção de cuidado constante (BIVAR, 2022).

Ao ser indagada sobre sua trajetória e sobre se “Houve um despertar do seu indivíduo para o coletivo? E se existiu algum momento-chave em que você tenha se dado conta disso?”, a entrevistada conta um pouco sobre sua trajetória e sobre sua transição de carreira, bem como o programa Gaia de Design para a sustentabilidade, do qual participou em 2011, e que esses ciclos foram fundamentais para este despertar:

O meu primeiro grande passo de despertar foi totalmente individual, foi totalmente olhando num lugar de qual a minha responsabilidade do individual pelo coletivo, acho que isso tem muito a ver com o que você falou, qual a minha responsabilidade nesse processo que eu sustento



dentro dessa empresa todos os dias? Qual a minha responsabilidade independente de ser a responsabilidade da pessoa jurídica? Tem muito disso no universo corporativo e, em geral, a gente meio que se desidentifica de quem nós somos e a gente se identifica com o corporativo e aí, acontece uma coisa muito interessante que é: tudo vai na conta do corporativo, dessa pessoa jurídica, sabe? (BIVAR, 2022).

Nessa fala, podemos identificar a importância de se fazer perguntas, descritas por Wahl (2020) e Tavares (2017), nesse processo de questionar o que lhe causava incômodo e de compreender a sua responsabilidade para a manutenção desse sistema no qual não estava se identificando. Esse lugar de conformidade, descrito por Marcela Xavier, no Capítulo Três, evidencia esse processo de não pertencimento, que vira uma conformação e até mesmo uma adequação. Esses lugares onde sentimos que não podemos ser quem somos geram uma sensação de conformidade.

Mel comenta que esse processo também está relacionado a uma proteção: “você fez isso? Não, aqui é a empresa” (BIVAR, 2022). Ao se dar conta desse processo, seu despertar foi ao encontro de assumir sua participação nesse sistema com o qual não concordava, mas do qual fazia parte e o desejo de investigar qual seria a sua contribuição: “Qual é minha contribuição nessa história? Quem sou eu nessa história?” (Ibid., 2022). A entrevistada conta que houve uma grande ruptura de entender que não queria mais fazer parte daquilo e, simultaneamente, encontrou um vazio, pois a única caminhada possível, até então, seria a que ela estava vivendo, ao mesmo tempo não conseguia encontrar na sociedade “quais são as caixinhas onde eu me encaixo agora?” (Ibid., 2022).

Na busca de uma ressignificação, Mel entendeu que precisaria descobrir qual seria sua nova caminhada, só que achou que em um ano encontraria esse lugar; entretanto, ao longo do caminho, percebeu que esse lugar não existe, que esse lugar é a sua “caminhada de constante transformação, de constante mudança. Então eu achei que em um ano eu ia estar resolvida e estou há onze anos nessa história, desde que eu saí do corporativo, com muita convicção de que estou onde gostaria de estar” (Ibid., 2022).

De lá pra cá, Mel tem buscado e apreendido novas formas de estar no mundo, se encontrou nos estudos sobre colaboração, projetos coletivos, facilitação, processos criativos e novas economias, e sua caminhada tem sido de estudo e aplicação. Nesse percurso, se tornou integrante do movimento Cidades

em Transição (Transition Network), movimento foi imaginado pelos ingleses Rob Hopkins, Sophie Banks e Naresh Giangrande, o qual tem como propósito

desenvolver competências comunitárias para que as cidades atuais transformem-se em cidades mais resilientes, regenerativas e sustentáveis. O movimento floresceu a partir da observação e do aprendizado através das necessidades e iniciativas orgânicas de cada lugar (TRANSITION BRASIL, 2022, online).

Nas palavras da entrevistada, o Movimento Cidades em Transição tem sido “uma coluna estruturante de tudo que eu venho vivendo do meu processo de transição”. Na época em que se aproximou do movimento, Mel vivia em Laranjeiras no estado do Rio de Janeiro e se juntou ao grupo do bairro, na cidade do Rio de Janeiro, onde começaram a desenvolver projetos de sustentabilidade na cidade, chamados de “glocais”, é um conceito proveniente do lema “pensar global, agir local”, uma organização, projeto ou ação que pensa *glocalmente* se conecta tanto ao que acontece ao redor do mundo quanto na região onde está localizada. Um exemplo desse tipo de projeto é o Projeto In Loco, projeto de música autoral e economia colaborativa no Rio de Janeiro. Segundo a entrevistada, “foi um espaço de experimentação de novas economias, realizado em um espaço compartilhado e com compartilhamento de recursos e contribuição consciente; nessa trajetória, foi trabalhada a consciência de valor, qual é o valor que essa experiência tem para você?” (BIVAR, 2022). Depois disso, foi criado o Espaço C que, segundo ela, “foi uma sementinha para o nascimento da T.E.R.R.A” (Ibid, 2022), o espaço foi a casa colaborativa no bairro de Laranjeiras que, durante dois anos (fechou no início da pandemia), foi uma casa para “empreendedores manifestarem novas formas de empreender nesse mesmo lugar”; como propósito, todos se perguntavam “como que a gente pode redesenhar negócios que cuidem da vida? O propósito era cuidar da vida a partir de uma nova consciência de empreender” (Ibid., 2022).

Dessas experimentações, materializou-se a criação da sua empresa Social Contemporâneo que “é uma empresa de transição, é uma empresa de redesign de negócios e sociedade” (BIVAR, 2022) e que nasceu com o propósito, assim como WAHL (2020) defende em sua obra, de redesenhar uma nova forma de fazer negócios e apoiar também projetos e iniciativas que ajudem no “redesign de sociedade para construção de culturas regenerativas” (WAHL, 2020).

A Social Contemporâneo trabalha com base nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU para “co-construir projetos sociais, iniciativas de articulação de rede territorial, programas empresariais e novos negócios locais que cuidem da vida de forma inteligente, regenerativa e sistêmica” (SOCIAL CONTEMPORÂNEO, 20220, online). A partir de processos *co-criativos* e metodologias colaborativas, busca a inovação em gestão, educação, cultura, sustentabilidade, economia re-localizada e circular, fluxonomia 4D e relacionamentos interpessoais.

A entrevistada também está à frente do *REconomy* Brasil, outra iniciativa que nasceu do movimento *Transition Town Totnes*, e é “uma iniciativa que nasce em rede, criada para fortalecimento de economia local através de empreendedorismo regenerativo” (TRANSITION BRASIL, 2022, online). O movimento busca, além de fortalecer a economia local,

aumentar a potência de inclusão e a participação de todos os atores locais de um território/região, diminuir situações sociais de escassez e os impactos ecológicos negativos, bem como a dependência a empresas multinacionais e importações desnecessárias, colaborando, desta forma, para aumentar o bem-estar, os vínculos pessoais e a resiliência local (TRANSITION BRASIL, 2022, online).

A iniciativa pretende desempenhar um papel importante na criação de condições para o surgimento de novos atores econômicos. Assim como Gaiger (2016) defende que “os meios para a transformação da sociedade e para a resolução das crises estão nos vínculos sociais”, essa iniciativa busca apoiar a comunidade a se fortalecer e a desenvolver “novos modelos de negócios e investimentos a serem testados, criando uma nova cultura empresarial de colaboração e apoio em rede pela prosperidade coletiva” (TRANSITION BRASIL, 2022, online). À semelhança do que defendem Wahl (2020) e Tavares (2020), tudo começou a partir de perguntas, como:

a economia local está aproveitando ao máximo o potencial oferecido pelo território em que vivemos e cuidando de volta do território e das pessoas numa relação de ganha-ganha-ganha (ganha o comércio, ganha o cliente/comunidade e ganha o território/planeta)? O trabalho que está sendo feito e o que está sendo produzido em nossa região está ajudando a tornar nossa comunidade mais feliz e saudável? Como podemos apoiar empresas e atividades econômicas através das quais os benefícios são amplamente compartilhados, e não apenas usufruídos por alguns? (TRANSITION BRASIL, 2022, online)

Esse movimento é um exemplo muito claro de como o design e as metodologias colaborativas podem ser excelentes ferramentas para a transformação social, apoiando a “recuperação local da economia, estimulando o empreendedorismo, criando resiliência local, reinventando o trabalho, se capacitando novamente e tecendo redes de conexão e apoio” (TRANSITION BRASIL, 2022, online).

Atualmente, Mel está vivendo no Vale das Videiras, na serra do Rio de Janeiro, onde concebeu o grupo “Vale das Videiras em transição” junto com a comunidade local, favorecendo o surgimento de diversos projetos como a construção de uma feira local e

uma construção com a escola local, uma escola municipal, a qual a minha filha frequenta e a gente construiu uma rede de voluntários da transição, são 17 voluntários à disposição da escola para apoiar o processo de aprendizagem das crianças em vários campos. O campo que eu ofereço na escola é a construção de futuros desejáveis, são oficinas de construção de futuros desejáveis com jovens, e aí tem de tudo, tem desde falar de política, de matemática, ciências, a construção do olhar cultural e aí tem várias ofertas de relação com a natureza, tudo dessa pequena rede. (BIVAR, 2022)

Podemos perceber que a experiência engajada (KRENAK, 2019) e a transformação cultural referida por Wahl (2020) estão presentes nessas e nas diversas iniciativas que vão surgindo a partir “dessa união de pessoas aqui da comunidade que estão juntas construindo meios de estar no mundo, apoiando a construção de uma nova realidade” (BIVAR, 2022). Entretanto, a entrevistada salienta um ponto de atenção: quando uma experiência parte da organização de um indivíduo para um coletivo, o estabelecimento de vínculo de relação entre as pessoas

é mais possível em um grupo de até 100 pessoas, do que quando pensamos em eventos de 3 mil, 4 mil, 5 mil pessoas, pois essa conexão do indivíduo para o coletivo muda, ficando menos pessoal, ela fica mais impessoal e aí, eu não sei, eu questiono até que ponto é tão cuidadoso? A pessoa consegue cuidar realmente ou vai fazer aquilo que a gente já sabe que é um padrão? (BIVAR, 2022)

Podemos destacar a importância do cuidado com as pessoas (MILLESTONE, 1988) como algo essencial para proporcionarmos movimentos, experiências, projetos e conexões que possibilitem vínculos fundamentais para a construção e o desenvolvimento de comunidades. Ao ser questionada se “o coletivo tem poder de transformar a sociedade?”, a entrevistada afirmou que “só

acredito nisso, minha vida é toda isso” (BIVAR, 2022). Para a empreendedora, o que faz sentido, e que fica claro contando um pouco da sua trajetória e do seu caminho do despertar do indivíduo para o coletivo, é

realmente a gente conseguir como sociedade, perceber que só há o coletivo. É o coletivo da vida, é o coletivo dessa diversidade, dessa biodiversidade que nós somos. Então a importância da gente reconhecer e reaprender a estar juntos, não só entre nós humanos, mas entre nós seres de todas as espécies (BIVAR, 2022).

A entrevistada finaliza com uma pergunta que me marcou muito: “Como a gente pode estar junto cuidando daquilo que é essencial para cada ser?”; assim como para ela, entendo que essa talvez seja uma das perguntas mais importantes a serem respondidas ou vivenciadas na “grande revolução de vida que estamos entrando, que é cuidar da vida como um todo” (Ibid., 2022).

### **5.1.3 O caminho de Adriana Linhares Queiroz**

Em busca de uma liderança comunitária que tivesse forte atuação em seu território, entrevistei Adriana Linhares Queiroz, mais conhecida como Mana na sua comunidade, a Vila Planetário, localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Adriana, que hoje é Vice-Diretora Geral da Organização Não Governamental (ONG) Misturaí, já foi presidenta do Clube de Mães Santa Terezinha e da Associação de Moradores da Vila Planetário. Logo na primeira pergunta, sobre “o que é viver em comunidade”, Adriana já demonstra seu entusiasmo: “viver em comunidade é maravilhoso porque a gente aprende e troca muito né, uns com os outros” (QUEIROZ, 2022). Adriana comenta que foi morar na Vila Planetário aos 7 anos e que “aqui dentro da minha comunidade, da nossa comunidade, a gente aprendeu desde cedo assim a se preocupar uns com os outros” (Ibid.).

A Vila Planetário está localizada muito próximo do Centro da cidade, ao lado do bairro Santana e ao lado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao contrário da maioria das comunidades mais vulneráveis da cidade que são periféricas. Quando Adriana foi morar na comunidade, época em que a reciclagem era um dos carros-chefes da geração de renda nesse local, ela conta que o

[...] preconceito, das pessoas assim, foi motivando os moradores a formar uma associação de moradores, assim conseguimos oferecer qualificação. Na época, a demanda era por datilografia, corte e costura. A maioria das pessoas que viviam na comunidade eram negros e a gente vivia e vive até hoje esse preconceito (QUEIROZ, 2022).

Como evidenciado por Gaiger (2016), muitas vezes os organismos comunitários surgem em prol da resolução de um problema em comum, como foi o caso dessa associação de moradores. Podemos constatar que o nível de pertencimento e reconhecimento da comunidade é alto, o que nos leva a perceber que chegam àquele terceiro nível que é o da ação, conforme teorizado por Joanna Macy e Chris Johnstone, em 2020, e muito bem exemplificado nas palavras de Adriana:

ter me envolvido e somado para a comunidade, apoiar a comunidade a ter uma qualidade de vida e oportunidades, para mim é muito gratificante, não é só para os meus filhos e agora para minha neta, mas assim, para um todo, por um mundo mais justo e mais igual (QUEIROZ, 2022).

A comunidade como conhecemos hoje completou 30 anos em julho de 2022, chamada de “vila nova”, pois depois de muita luta foi possível regularizar as construções e manter os moradores no local, o sonho era poder dividir os terrenos igualmente entre os moradores “para as pessoas se sentirem seguras de construir uma casa de alvenaria, chamavam de favela e vila, pois eram casas de madeira muito precárias, alguns não tinham nem banheiro” (Ibid., 2022). Adriana conta que a chegada de um grupo de Vicentinos, grupo de caridade cristã, na comunidade, ajudou a conscientizar sobre os direitos que os moradores têm sobre aquele território e as condições mais dignas: “a gente tem direito sim à moradia, à educação, a gente tem direitos que na constituição diz que todos nós temos direitos, mas pela falta de informação e educação a gente sofre muito na comunidade” (Ibid., 2022).

Junto com o trabalho social dos Vicentinos, foram construídos banheiros e tanques de lavar roupa comunitários. Adriana comenta que “na época, porque não tinha máquina de lavar e então tudo era feito em conjunto, assim um ia vendo o quanto precisava um do outro”. Aqui podemos perceber a importância de se criar espaços compartilhados para a manutenção da experiência comunitária e para a formação de vínculos, na convivência é que passamos a conhecer o outro, ganhar confiança e criar pertencimento. Na fala a seguir, podemos constatar o segundo nível descrito por Macy e Johnstone (2020), que é o reconhecimento:

Ter participado dessa luta desde o começo e ter sido motivada a participar de todo esse processo bem menina é bem gratificante. Poder ajudar a criar condições melhores para meus quatro filhos na comunidade, que eu cresci sempre envolvida, porque sempre fui motivada a isso, que um precisa do outro e a importância do coletivo (QUEIROZ, 2022).

Ao ser questionada sobre se “houve um despertar do seu indivíduo para o coletivo? Existe algum momento-chave em que você tenha se dado conta disso?”, a entrevistada relembra da chegada da Igreja Católica e comenta que sua tia era missionária, mas acabou falecendo, então, sua mãe se tornou referência na região e com essa aproximação, todos da família foram incentivados a se envolver na criação do Centro Comunitário. “Na época, eu tinha 16 anos, fui emancipada para ser presidente do Clube de Mães que a gente criou, então isso foi nos motivando, assim, a buscar qualidade de vida, né? Ajudar a nossa comunidade a criar oportunidades para todo mundo (QUEIROZ, 2022). Uma outra instituição, em mutirão com a comunidade, construiu uma creche; depois de um tempo, essa instituição faliu e a creche ficou abandonada, pois não havia recursos para mantê-la e, em

1992, um morador da comunidade era presidente da associação e através do Orçamento Participativo que ele participava veio com uma novidade: que a prefeitura teria verba, na época a Secretaria Municipal de Educação para abrir as creches comunitárias. Não havia nada na creche, então, para mim, nesse momento, foi muito legal, porque então a comunidade se colocou disponível para reabrir a creche novamente, então um vizinho dava um quilo de arroz, outro dava um quilo de alimento, comprova proteína, por alguns meses, a gente trabalhou ali e na época, fui convidada para fazer a organização, ser a coordenadora da creche comunitária (QUEIROZ, 2022).

O Orçamento Participativo (OP) foi criado em 1989 em Porto Alegre, após a Constituição de 1988, que obriga os municípios a adotarem a participação da comunidade na definição do orçamento municipal. Hoje, o OP já acontece em diversos municípios brasileiros e em várias metrópoles do mundo, como Paris e Barcelona. Segundo o portal Politize!, o OP é

um mecanismo governamental de democracia participativa que permite aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente o orçamento de investimentos de prefeituras municipais para assuntos locais, através de processos de participação da comunidade. O orçamento participativo ocorre por meio de assembleias abertas e periódicas, que incluem etapas de negociação direta com o governo. Depois, as deliberações nessas assembleias são consideradas na elaboração da proposta da Lei Orçamentária Anual, que será enviada para a câmara municipal (PEIXOTO, 2022).

Adriana também relembra de outro episódio, em que o engajamento comunitário foi fundamental para a comunidade: ocorreu um grave incêndio em que houve uma morte, causado pelas condições precárias das casas de madeira e, pelo fato muitas pessoas viverem de reciclagem, por existirem muitos materiais inflamáveis na localidade.

Nesse processo todo, a gente formou muitas redes; na época, jornais vieram para divulgar a situação e pedir ajuda para a comunidade, veio o pessoal do Orçamento Participativo novamente, junto com o prefeito na época, e incentivou e abriu todas as brechas de leis para que a gente tivesse uma casa digna aqui, um espaço, e foi quando a gente teve a oportunidade de ser a primeira comunidade a ser urbanizada no Rio Grande do Sul, logo depois, veio outras comunidades via Orçamento Participativo. Nós fomos a primeira a ser urbanizada, então isso foi muito gratificante, porque a gente teve qualidade de vida, uma casa digna para morar e para se manter (QUEIROZ, 2022).

Em “Esperança Ativa”, Joanna Macy e Chris Johnstone falam sobre a nossa tendência humana de nos reunirmos em situações de emergência e que “a proximidade do perigo ativa nosso juízo e nossas tendências cooperativas de maneiras que revelam novos níveis de vitalidade e comunidade”. Nesse sentido, podemos depreender que a atenção gerada pelo incêndio possibilitou ações defensivas, garantindo mais qualidade para os moradores como a regulação dos terrenos, a construção de casas, saneamento básico e condições básicas, partindo para o terceiro nível de uma comunidade, a ação.

Desde então, a comunidade viu o poder do coletivo para sua transformação e continuou a se organizar comunitária e politicamente. Após alguns anos, a associação de moradores foi perdendo algumas lideranças e foi perdendo o envolvimento dos moradores. Adriana foi trabalhar em outros lugares até que, em 2018, Gabriel Goldmeier se aproximou da comunidade com a *Misturaí*, que surgiu como “um coletivo de pessoas com o propósito de promover a mistura de mundos para a construção de uma sociedade mais justa” (MISTURAÍ, 2022, online).

O projeto começou com encontros para debater a problemática da falta de articulação, integração e inclusão entre diferentes grupos de pessoas, as chamadas “bolhas sociais”, e como fazer para furá-las; nessa aproximação, encontraram na Vila Planetário um lugar fértil para isso. Além da localização próxima ao Centro e à Universidade, a receptividade dos moradores foi fundamental.



Na Biologia, existe o conceito do efeito de borda, ou ecótonos, que são ambientes de transição entre dois ecossistemas. Sugere-se que esses são os lugares de maior biodiversidade. A partir desse conceito da biologia, May East, uma das fundadoras do Gaia Education, recentemente, em um artigo de 2019, concebeu o conceito de *sociotone* (EAST, 2019) que, em tradução livre, seriam os sistemas sociais em tensão. Segundo esse conceito, as inovações mais interessantes de um sistema acontecem no limite. Nos cruzamentos entre diferentes sistemas é que se revelam conexões inesperadas e surgem novas formas de vida. Podemos conectar esses conceitos ao trabalho desenvolvido pela Misturaí, já como ONG que, em 2019, “passou a fazer parte do ecossistema de Porto Alegre, buscando promover uma cidade socialmente mais inclusiva, justa, próspera e sustentável para todes<sup>1</sup>” (MISTURAÍ, 2022, online). Em 2020, uma nova diretoria foi eleita e hoje Adriana é a Vice-Diretora da organização.

A ONG conta com o suporte de centenas de voluntários de diferentes classes sociais, profissões e lugares de Porto Alegre, representando bem o objetivo da Misturaí de ser uma organização inclusiva e diversa. A organização tem valores muito importantes para a construção de comunidade: Acolhimento, Diálogo, Diversidade, Solidariedade e Sustentabilidade. Com a chegada da pandemia, foi criado o projeto Amparaí que se constitui em uma frente de trabalho contra a fome e possui “mais de 300 voluntárias envolvidas ao longo desse período”, contemplando uma cadeia que vai desde a arrecadação de doações, passando pela preparação de “quentinhas” (ou marmitas) por cozinheiros que produzem as refeições em suas casas até o recolhimento e entrega ao público-alvo por motoristas e equipes de apoio. Todas as pessoas atuam de forma voluntária. Além das refeições, o projeto conta ainda com entrega de cestas básicas, máscaras, cobertores, agasalhos e itens de higiene. Hoje o projeto funciona dentro da própria sede da Misturaí e oferece refeições a pessoas em situação de rua. Esse projeto, durante a pandemia, foi mais uma prova de como

---

<sup>1</sup> Todes advém da proposta de intervenção/inovação na língua portuguesa que vem sendo chamada de linguagem neutra. Essa linguagem propõe uma “reflexão acerca do binarismo presente na LP [língua portuguesa] e a dificuldade de pessoas que não se identificam com o binário de gênero (homem x mulher) nas formas escrita e falada” (LAU, 2018, p. 13 apud LAU, 2019, p. 6). A Misturaí adota a linguagem neutra em suas comunicações.

situações de emergência mobilizam as pessoas; hoje, com o abrandamento das restrições relativas à pandemia, as doações e o engajamento diminuíram.

A ONG também conta com outros projetos como o *Costuraí* que busca o empoderamento das participantes pelo aprendizado e resgate de manualidades: costura, bordado, pintura e tear e, conseqüentemente, a geração de renda e o incentivo ao empreendedorismo social. Nas produções criativas, são utilizados resíduos de outros processos e diversos materiais provenientes da reciclagem de materiais. Há também o projeto *Gurizadaí* que atende crianças e adolescentes da Vila Planetário, entre 6 e 15 anos, e tem como objetivo promover atividades ligadas à educação, recreação, sustentabilidade e cuidado durante o contraturno das escolas. Outro projeto de destaque, o Planetário + Sustentável (P+S), faz parte do *Regeneraí*, um eixo da Misturaí ligado ao tema da sustentabilidade.

Em julho de 2020, foi estabelecida uma série de projetos para tornar a Vila Planetário mais resiliente e sustentável. A Vila Planetário foi a comunidade escolhida para ser o piloto de uma proposta de desenvolvimento sustentável em comunidades mais vulneráveis de Porto Alegre. O projeto visa transformar a Vila Planetário em um modelo de comunidade de baixa emissão de carbono, sustentável e resiliente, através da melhoria dos processos locais para a gestão dos resíduos, engajamento e educação ambiental, capacitação de mão de obra local e implantação de energias renováveis. Além disso, o projeto coleta óleo de cozinha para reciclagem e trabalha a conscientização dos moradores da Vila Planetário sobre a importância dos três pilares da sustentabilidade: econômico, social e ambiental. Duas outras iniciativas que valem destaque são a Horta da Boa Vizinhança que conta com a mobilização e engajamento dos moradores da Vila Planetário e ruas vizinhas para a construção e planejamento coletivo de uma horta comunitária e a Oficina de Compostagem, com as mulheres da cozinha da Misturaí, ambos projetos que dialogam com a segunda dimensão abordada pelos autores Macy e Johnstone (2016) - práticas e sistemas sustentáveis - e que repensam e redesenham estruturas e sistemas na sociedade de fomento à cultura sustentável.

A história que a Vila Planetário vem construindo de engajamento comunitário, redesenho de práticas e implementação de uma cultura mais sustentável em comunidades periféricas, já está servindo de inspiração e construção de uma rede de lideranças comunitárias na cidade de Porto Alegre e

é um exemplo de iniciativa fortemente alinhada com ações globais. O trabalho iniciado por Adriana e outras lideranças nos anos 90, mostra a importância do despertar do indivíduo para o coletivo e a potência que isso pode gerar. Ao ser perguntada se o coletivo pode transformar a sociedade, Adriana enfatiza:

[Tem] todo poder, porque ninguém faz nada sozinho, e a gente precisa dessa diferença, para um diferente, ele é importante assim para gente modificar o mundo para melhor, porque é como eu digo, eu gostaria de mudar o mundo, mas a gente não tem esse poder, vai começando pelo teu bairro, né, pela tua cidade, já é um grande início (QUEIROZ, 2022).

#### 5.1.4 O caminho de Isabela Sousa

**Isabela Sousa** nasceu e cresceu no Complexo da Maré, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro e, desde 2011, trabalha no Observatório de Favelas, no qual atualmente é diretora. Isabela é doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem MBA em Gestão de Projetos pelo IBMEC-RJ e é Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escolhi entrevistar Isabela por ser uma liderança comunitária que atua em rede. Logo na primeira pergunta, “o que é viver em comunidade?”, Isabela responde e nos ensina:

Para mim existe uma escolha política na qual eu fui educada efetivamente e a partir dela de narrar favelas, como favelas, e existe no Brasil uma disputa em torno desse termo favela e muitas pessoas chamam de comunidade, e não sei se existe uma divisão de fato, mas eu, por exemplo, escolhi não usar a palavra comunidade para falar da favela como território (SOUSA, 2022).

Comentei que durante a entrevista usaria o conceito de comunidade diversas vezes, mas que ela poderia ficar à vontade para responder ou se referir ao termo como favela; então, ela complementa, referindo-se ao Observatório de Favelas:

Ao mesmo tempo, toda nossa prática e todas nossas construções metodológicas da perspectiva institucional, talvez partam de uma premissa de uma perspectiva primeira de que a favela é uma experiência comunitária efetivamente, é a partir disso que muitas dessas potências que a gente reivindica para esses territórios de fato são nomináveis, enfim, trazendo esse preâmbulo aqui só para distinguir para mim que comunidade é muito mais uma dinâmica, uma prática, uma escolha política e também é uma escolha afetiva (SOUSA, 2022).

Fundado em 2001, o Observatório de Favelas é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sediada no Conjunto de Favelas da Maré, “dedicada à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e periferias e promover o direito à cidade” (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2022, online). Segundo o Censo Maré 2010, existem aproximadamente 140 mil moradores espalhados pelas 17 favelas que fazem parte do Complexo. Isabela conta que a sua história de engajamento comunitário começou antes de ela fazer parte da organização:

Eu sou cria de uma família de muitas mulheres, enfim, sempre muitas mulheres em geral articuladas com demandas comunitárias. Foram elas que me formaram, foram elas que me ensinaram, então comunidade para mim tem uma dimensão ética, estética, tem uma dimensão de religião também, porque minha família é uma que dos primeiros engajamentos comunitários foi na igreja, meus pais se conheceram na igreja, numa dinâmica de comunidade jovem, isso também se relaciona de certa forma (SOUSA, 2022).

Novamente, podemos identificar a influência da igreja no engajamento comunitário, principalmente em territórios periféricos, o trabalho da igreja muitas vezes assistencial supre o do estado e acaba influenciando na aproximação entre as pessoas e conseqüentemente na construção de vínculos grupais (GAIGER, 2016). Percebe-se que, em comunidades mais vulneráveis, a noção de pertencimento é mais aguçada e podemos relacionar com a ideia de potência do sujeito elaborada por Krenak. Aqui o despertar do indivíduo para o coletivo nem sempre ocorre, pois muitas vezes já é naturalizado por viverem em uma cultura na qual a coletividade também é uma questão de sobrevivência, por ser marcada por diversas carências do Estado e de exclusões sociais, como podemos perceber na seguinte fala: “acho que tudo é pela comunidade, tudo é por conta dessa nossa utopia de que é importante que a vida possa ser justa para todas as pessoas e que a gente de fato precisa viver em comunidade a partir de outros acordos de outras premissas coletivas” (SOUSA, 2022). Logo, o despertar não passa pelo reconhecimento, pertencimento, e muitas vezes chega-se antes ao encontro da terceira dimensão de comunidade elaborada por Daniel Wahl, a da ação. Ao ser questionada se houve um despertar, a entrevistada responde que:

Pra mim não sei se teve um despertar, acho que isso é a história inteira, eu fui criada em comunidade de fato, sempre fiquei com outras pessoas

da minha família, sempre fui pro trabalho dos meus pais, isso também é uma forma de estar em comunidade. Meus pais sempre estiveram engajados em causas coletivas efetivamente, não é do território efetivamente mas dos territórios né, onde eles estavam, minha família tinha muito disso, então na vizinhança tem um tipo de prática comunitária para a organização de uma obra que é necessária, todo mundo no trabalho sempre envolvido em coisas que são para todo mundo e uma vida muito comunitária de amigos, amigos que frequentam a casa e frequentar a casa dos amigos, acho que desde muito nova eu entendi que era parte de comunidades, de coletividades e que em cada núcleo isso é experimentado de uma certa forma. (SOUSA, 2022)

Essa experiência comunitária, junto à personalidade de Isabela, a mobilizou e a ajudou a se “engajar em causas coletivas desde cedo e muito mais dos trabalhos em grupo e gostar de liderar e na Universidade em envolver-se efetivamente no debate do movimento estudantil” (SOUSA, 2022). A entrevistada conta que, em um dado momento, no meio da faculdade de Turismo, começou a sentir-se “muito mal com essa escolha, [...] comecei a me sentir deslocada de um projeto coletivo” (SOUSA, 2022). Ela conta que, olhando para trás, talvez esse tenha sido um momento determinante na sua caminhada, levando-a a não terminar a faculdade, uma vez que “foi fundamental essa crise, esse sentimento para essa guinada na minha carreira” (Ibid., 2022). Começou a procurar outros trabalhos, se envolveu em um projeto mais social voltado à hospitalidade, chegando no Observatório de Favelas e, quando já estava na instituição, teve a seguinte sensação:

Acho que é isso. Isso que a gente faz aqui ajuda a transformar o mundo. É uma experiência muito coletiva, então a nossa prática institucional é cada vez mais coletiva, é uma instituição que foi fundada coletivamente, mas eu acho que a cada ano a gente se desafia a estar mais gerido coletivamente e acho que isso é muito desafiador, mas é muito confortante, é muito bom você pensar: cara tem um monte de gente dividindo esse piano aqui comigo (SOUSA, 2022).

Esse sentimento da entrevistada pode ser associado à ideia da existência de uma força coletiva, como mencionado por Maffesoli (1998), e com o que Wahl nos traz: “uma pessoa só existe enquanto atua pelo bem comum da comunidade a que pertence” (WAHL, 2020). O Observatório de Favelas também se coloca como uma organização propositiva e ativa que ajuda a pautar

a agenda da cidade por meio da produção e difusão de conhecimentos; do desenvolvimento de metodologias de intervenção, mobilização e formação; e da articulação e implementação de processos de incidência política e qualificação do debate público. (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2022, online)

A organização busca trabalhar “a partir das favelas e periferias para as questões da cidade” (Ibid, 2022) e, com esse olhar, refletir e propor “intervenções e construções solidárias de experiências que possam impactar políticas públicas e espelhar novos modelos de acesso a direitos e modos de (con)vivências” (Ibid, 2022). Atualmente, a organização atua através de cinco eixos que funcionam como campos estratégicos, pois “apresentam desafios e potenciais determinantes para transformações sociais estruturantes” (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2022, online). Os eixos são: arte e território, comunicação, educação, direito à vida e a segurança pública e políticas urbanas. Dessa forma, o coletivo trabalha para a elaboração e implementação de programas, projetos e ações que “sejam capazes de integrar e entrelaçar estes campos aos debates de raça, gênero, classe, sexualidade e territorialidade numa perspectiva interseccional, a fim de garantir e ampliar direitos e oportunidades para favelas e periferias e suas/seus moradoras/es” (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2022, online).

Quando perguntei para Isabela se ela acreditava que o coletivo tem o poder de transformar a sociedade, ela foi contundente e afirmou que “é só isso, não tem mais o que dizer, é para isso que eu vivo, para isso que acordo comprometida”. Indo em direção ao segundo bloco de perguntas que explorarei no próximo subcapítulo, ao perguntar “e como?”, ela respondeu: “Coletivamente, e aí eu acho que, como isso é possível, é a pergunta de um milhão, né, com muita insistência, com muita prática, com muita paciência, com muita organização, com muito acordo, com muito cuidado” (SOUSA, 2022).

A entrevistada salienta dois pontos de atenção em projetos colaborativos; o primeiro, diz respeito aos indivíduos: “não é porque as coisas são coletivas que a gente não vai se responsabilizar pelas pessoas individualmente que compõem aquele coletivo” (Ibid, 2022). Para isso acontecer, ela atribui o cuidado como “uma urgência, principalmente nas práticas coletivas que estão buscando transformação” (Ibid, 2022) e, atualmente, está comprometida a se engajar e a possibilitar que as pessoas que trabalham com ela e a instituição pensem sobre o cuidado, “como de fato um ponto de partida” (Ibid, 2022). O segundo ponto são os recursos: para haver transformação, Isabela acredita que é fundamental ter acessos e, nessa perspectiva, ela não fala apenas de dinheiro, mas de “recursos de naturezas diversas, para pautar transformações coletivas” (Ibid, 2022), tais como culturais, sociais, políticos e econômicos.

## 5.2 Rituais, vivências, estratégias e metodologias colaborativas

Busquei compreender nas entrevistas quais são os rituais, práticas e vivências os entrevistados acreditam que apoiam o processo de engajamento e desenvolvimento comunitário e quais são as estratégias necessárias para manter uma comunidade engajada em prol de um projeto coletivo.

Além do cuidado e da importância de obter recursos, irei ao longo deste subcapítulo registrar as respostas dos entrevistados e dialogar com algumas teorias. O cuidado com as pessoas, um dos princípios da Permacultura, é um dos alicerces para o engajamento e desenvolvimento comunitário, pois coloca as pessoas no centro dos processos de tomada de decisão e no planejamento de ações e projetos, além de promover o fortalecimento de comunidades e o resgate de valores comunitários. Um ponto em comum entre todas as entrevistas foi a importância de ter clareza sobre o que une cada coletivo: alguns chamaram de “cola”, outros de “causa comum”, de “propósito” ou, então, de “porque estamos juntos”; ou seja, para engajar uma comunidade é necessário que todos saibam o porquê de estarem envolvidos naquele projeto, naquela decisão, naquela assembleia, naquela celebração, sendo secundário como será materializada, mas é imprescindível que todos tenham clareza do propósito. Essa clareza vai ajudar em momentos difíceis e poderá ser revista sempre que o desânimo chegar, nas palavras de Mel:

Eu acredito que é o que mantém as pessoas engajadas, é a gente ter clareza de propósito, do que nos une, o propósito é algo que nos une no nosso campo de diversidade, somos muito diferentes, somos muitos diversos, mas o propósito é o lugar de convergência, é o lugar onde a gente se encontra, então a clareza de propósito é uma coisa importante. (BIVAR, 2022)

Para sustentar isso, é importante a **construção de um espaço, ambiente ou campo seguro**, um lugar onde “a gente possa criar e sustentar juntos esse ambiente, onde todos sintam que a sua voz é ouvida” (BIVAR, 2022). Aqui é importante garantirmos que a diversidade e as diferenças possam coexistir, que a gente possa compreender o que nos une, nossa cola em comum, mas que também temos nossas “diferenças e que tá tudo bem, tudo faz parte dessa expressão da vida, isso é muito importante também da minha visão de um coletivo, um coletivo que consiga ter forças juntos”(BIVAR, 2022).

Para isso é importante que se **construa coletivamente** também como as experiências coletivas serão colocadas em prática e aqui entra o conceito do *Dragon Dreaming*, filosofia e metodologia colaborativa. O DD é uma metodologia de origem australiana que

aplicada à gestão colaborativa de projetos, com ênfase na busca de contextos mais dialógicos, efetivos e transformadores. Apesar de sua origem fora do Brasil, essa metodologia tem conquistado crescente atenção no país, notadamente em contextos de economia solidária, economia criativa, inovação e ativismo socioambiental. (DE SOUZA, DE PAULA, 2020 p. 11)

Nessa metodologia, acredita-se que “todo o projeto começa sempre com o sonho de uma pessoa individual” (DRAGON DREAMING, 2014). Segundo Machado, Barbuto & Croft (2021) a metodologia de Criação Colaborativa de Projetos Dragon Dreaming (DD):

fomenta maior interação, dialogismo e a construção colaborativa, a partir da integração de ferramentas de avaliação e planejamento colaborativo, com base nas intenções dos envolvidos, no método é chamado sonho, é valorizada a voz individual, que durante o processo é transformada em sonho e projeto coletivo. (p. 146)

Durante o **Círculo dos Sonhos**, todos sentam em roda e todas as pessoas presentes são convidadas para construir coletivamente o projeto, neste momento o sonho individual é morto e “este sonho é enriquecido pela inteligência coletiva” (Ibid, 2022), tornando-se assim um sonho coletivo. Um exemplo disso foi quando a Misturaí foi idealizada: partiu-se do sonho individual de Gabriel Goldmeier que, em maio de 2018, convidou um grupo de pessoas para realizar o Círculo dos Sonhos, o qual funciona da seguinte maneira:

depois da primeira pessoa ter apresentado o seu sonho é explicado o projeto, ele/ela expõe o sonho à equipe de sonho e faz uma Pergunta Geradora como: Como devia ser este projeto para que no final possas dizer: Esta foi, sem dúvida, a melhor forma de despender do meu tempo "Ou" O que é que te permitiria dizer – Sim! Estou muito feliz por ter trabalhado neste projeto! (DRAGON DREAMING, 2014).

Ao conceber um projeto de forma coletiva, colocando um pouco de cada um nele, a chance de obtermos engajamento dos participantes é muito maior. Mel indica a metodologia como uma ferramenta que faz diferença nos seus trabalhos: “eu uso muito o *Dragon Dreaming* pra quase tudo, eu uso em partes, eu uso



inteiro, a gente faz até em Trello<sup>2</sup>, pra mim é muito potente, construir um sonho juntos, construir um propósito a partir dos sonhos é muito potente, eu acho que a ferramenta mais interessante em termos de engajamento” (BIVAR, 2022).

Para que uma comunidade mantenha-se unida em prol de uma causa comum e efetivamente engajada, são necessários acordos e princípios claros. Os acordos ajudam a todos que fazem parte daquela comunidade ou coletivo a se guiarem, como podemos perceber na fala do entrevistado Edgar sobre como funcionam os acordos no jogos que ele propõe:

em nossos jogos trazemos que tem que ser é fast, free, fun, na livelab, na jornada X, primavera X, nos jogos que a gente faz, a gente sabe que o mais importante, haja o que houver, qualquer coisa que a gente for fazer, tem que ser rápida, tem que ser divertida, a gente não pode colocar a mão no bolso, e tem que ser espetacular, então esse é o nosso princípio, se você cumprir esses quatro princípios você pode fazer o que você quiser, então dá uma liberdade (GOUVEIA, 2022).

Diferente de regras, que são preestabelecidas por um grupo privilegiado e de cunho autoritário, os princípios são algo que você precisa cuidar, “desde que tenha cuidado disso, você pode fazer o que quiser. Princípios, ou seja, acordos, são os limites do que a gente vai ter pra nos manter juntos” (Ibid.). Para Mel, os acordos vão na mesma linha do cuidado, quando passamos a fazer parte de uma comunidade ou coletivo,

o que é importante você saber e o você precisa cuidar? quais são os princípios cuidados por esse sistema?” Essas clarezas de acordos, propósito e princípios é fundamental para que também a gente tenha saúde no ecossistema, se não, é muito tenso sempre (BIVAR, 2022).

Os acordos são vivos e estão em constante evolução, ou seja, podem ser refeitos a qualquer momento caso o coletivo ou grupo entenda que precisam ser.

Outra prática comentada pelos entrevistados foi a de **estar em círculo ou sentar em roda**. Como exemplo, trago o que Edgard utiliza, o “fogo de conselho”, ritual de origem indígena em todos se reuniam ao redor de uma grande fogueira à noite, de um modo muito festivo e alegre, onde as pessoas dançavam, cantavam, contavam e encenavam histórias e que, no final, algum ancião contava ou passava

---

<sup>2</sup> Trello é um aplicativo de gerenciamento de projeto

algum ensinamento aos mais jovens. Assim, essas noites serviam tanto como uma celebração festiva quanto como parte da formação dos mais novos, reforçando a tradição oral passada de geração para geração. Na modernidade, a técnica foi adaptada aos mais diversos contextos, mas consiste basicamente em, ao fim de uma experiência comunitária, “sentar pra fazer uma roda de luto e celebrações e compartilhar o que tá vivo em você [...] conta o que foi, o que aconteceu no dia, como se sentiu, fazer um pedido ou também uma celebração ou um agradecimento” (GOUVEIA, 2022). O entrevistado acredita que a roda é uma prática essencial para a comunidade “ajudar o coletivo, uma roda que você possa dizer, soltar pro coletivo como é que você está ou deixa de estar, pro coletivo poder cuidar de você também” (Ibid, 2022). Da mesma forma, Edgard também acredita que as danças circulares cumprem um objetivo importante para a o engajamento comunitário de estar em roda: “não é só celebração, tem um monte de coisa dentro, construção de laços, afinamentos e tem também esse conselho, você tem que tá junto que é tanto pra celebrar ou decidir coisas, as duas práticas são essenciais” (GOUVEIA, 2022).

Outro ponto de atenção que já pôde ser constatado anteriormente nas falas dos entrevistados, mas que surge novamente, é **compreender o que é importante para aquela comunidade**. Para que seja possível essa compreensão, um bom caminho é **proporcionar momentos de construção coletiva**, como mutirões, assembleias, e momentos para criar ações, projetos e cultivar sonhos coletivos, entre outros. Esses momentos também são importantes para reforçar o propósito das comunidades e coletivos, podendo ser considerados como uma das principais estratégias para o engajamento coletivo, como exemplificado nesse comentário da Adriana:

A gente começou fazendo reuniões com a comunidade para esclarecer o que é a ONG, deixando claro que a ONG é um espaço pra todos e que ela tá aberta sempre pra todo mundo, isso teve muito resultado, agora as pessoas estão entendendo o que é a ONG, qual o seu propósito e que a gente deseja é o trabalho em conjunto para buscar sempre qualidade de vida pra todo mundo (QUEIROZ, 2022).

A metodologia de Facilitação de Grupos pode ajudar a tornar esses momentos mais organizados e a extrair o melhor do grupo participante, uma vez que a ideia principal é “desenvolver habilidades de descomplicar conteúdos, ideias e conflitos para a tomada de decisões. O líder facilitador sabe fazer as perguntas

certas, nos momentos certos para as melhores pessoas” (SOCIAL GOOD BRASIL, 2022, online). Nesse processo, as perguntas são as protagonistas, como afirma Wahl: “mais que as respostas, as perguntas são o caminho para a sabedoria coletiva” (WAHL, 2020). Esses momentos coletivos também ajudam no exercício de entender e compreender as necessidades daquela comunidade, o que vai ao encontro do que poderia ser considerado o papel de uma comunidade, como a filósofa africana Sobonfu Somé, no livro “O espírito da intimidade”, publicado em português em 2007, salienta:

O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dídivas dos outros (SOMÉ, 2007).

Entretanto, uma das entrevistadas atenta para a importância de se criar espaços coletivos em momentos de conexão e celebração como, “coisas que não precisam de discussão, fazer o almoço de domingo juntos, vai lá e vai cortar batata, proporcionar momento de fazer coisas juntos, você não se importa com o que tá sendo feito e mesmo que não goste, você está ali porque tá todo mundo junto” (BIVAR, 2022). Nesse contexto, **o ato de celebrar** é uma das estratégias mais importantes para manter uma comunidade unida. Em uma das nossas entrevistas, um dos entrevistados comenta que em um projeto coletivo precisamos colocar “percepção, informação, reflexão, posição e ação, e quando terminamos uma ação, celebração!” (GOUVEIA, 2022). Entretanto, ressalta que

celebração não é só festa, [...] na celebração, você vai festejar o que você fez, vai comemorar o êxito em coletivo. Nesse momento, você dá o feedback: “como foi bom trabalhar com você”, “olha o que a gente foi capaz de fazer”, assim você vai estreitando os laços, você fortalece a comunidade, “olha do que eu sou capaz de fazer”, você está mais forte, mais apto e com mais vontade de fazer de novo, vamos inventar uma coisa só pra gente celebrar de novo? Só pra celebrar esse poder que a gente adquiriu, então, celebração é importante (GOUVEIA, 2022).

No *Dragon Dreaming*, diferentemente da maioria das outras ferramentas de gestão de projetos, a celebração está inclusa no final de cada fase do Sonhar, Planejar, Fazer e Celebrar, que compõem a mandala da ferramenta: “No *Dragon Dreaming* a celebração não é uma tarefa de um extrovertido barulhento, mas sim

parte da reflexão, da expressão da gratidão e reconhecimento.” (DRAGON DREAMING, 2014).

Outro ponto de atenção e cuidado para a manutenção do engajamento comunitário citada pelos entrevistados foi a importância de **cuidar dos conflitos**. A entrevistada Mel comenta que

os conflitos vão existir, os conflitos fazem parte, cuidar dos conflitos é essencial também, mas existe uma leveza que é importante ser cuidada pelo grupo, sabe? Porque se começa a ficar chato, pesado e incômodo, as pessoas se cansam, não querem continuar, porque é isso, a gente já tem que lidar com outras questões que já são incômodas, outros problemas que fazem parte do dia a dia. (BIVAR, 2022)

Ao encontro disso, um dos princípios da Permacultura que se relaciona a esse ponto é “Pratique a auto-regulação e aceite feedback” (MOLLISON, 1988); na perspectiva do design permacultural, é quando um organismo vivo emite sinais indicando que algo no sistema está desequilibrado, em uma perspectiva social, temos a oportunidade de entender o que naquele espaço coletivo não está indo bem e, com isso, a oportunidade de melhorarmos e cuidarmos desses conflitos. Por essa razão, ao final de uma ação, projeto ou qualquer prática coletiva, é muito importante que além do reconhecimento, seja realizada uma avaliação ou feedback, o qual pode ser traduzido como retroalimentação, pois funciona como um diálogo entre os participantes sobre como cada um se sentiu e quais os pontos de melhoria para futuros projetos. Uma dinâmica colaborativa que funciona para uma cultura de feedbacks e de aprendizagem para grupos é a dos “**3Q’S**” - **consiste em “Que bom”, “Que pena” e “Que tal?”**. No “Que bom” destacamos os pontos positivos da ação ou projeto, no “Que pena”, os aspectos negativos e no “Que tal?”, sugestões de melhoria para futuros projetos. A entrevistada também trouxe um ponto importante para manter a energia do grupo, pois “é importante que esse ambiente seja um ambiente de leveza, seja um ambiente que possa ser descontraído, que possa ser divertido. John Croft, pai do *Dragon Dreaming*, diz ‘se não for divertido, não é sustentável’, não sustenta se não é divertido, se não for gostoso né?” (BIVAR, 2022)

Para que o desenvolvimento e o engajamento comunitário aconteçam, a **construção de redes e parcerias e o fomento ao trabalho coletivo em outras comunidades** é importante para a troca de saberes e para aumentar o impacto das ações. Adriana conta que o trabalho com coletivos da cidade potencializou o

impacto das ações da Misturaí e conta da importância de fomentar um ecossistema em prol da transformação social do território, ao mesmo passo que inspira outras comunidades a fazer o mesmo:

Assim como a gente teve a oportunidade para a nossa a gente, a gente entendeu que podia fazer diferente também nas outras comunidades, não só levar um prato de comida, mas ensinar eles a buscar qualidade de vida também para suas comunidades e na Ilha do Pavão, hoje a gente ajudou a revitalizar a associação deles né, hoje já estão caminhando pelas próprias pernas (QUEIROZ, 2022).

Atualmente, além do trabalho com a comunidade da Vila Planetário, a Misturaí apoia a Associação de Moradores da Ilha do Pavão e Chácara do Primeiro, ambas em Porto Alegre. Atualmente, o coletivo faz chamamento de reuniões abertas e convida outras lideranças comunitárias para participar a fim de fomentar o desenvolvimento comunitário da cidade. Esse tipo de iniciativa pode ser relacionado com o princípio ético de “cuidado com o futuro e partilha justa” (HOLMGREN, 2013) da Permacultura, pois é uma forma de compartilhar excedentes, inclusive de conhecimentos, e de cooperar ao invés de competir. Como um outro exemplo, Isabela do Observatório de Favelas, comenta que antes de estreitar qualquer projeto na comunidade, elas chamam primeiro lideranças e comerciantes ativos do bairro, pessoas mais velhas e outras organizações atuantes para explicar como funcionará e coletar as primeiras impressões. Essas ações também se relacionam a outro princípio da Permacultura, o “Capte e armazene energia” (HOLMGREN, 2013), que pode ser relacionado, em um contexto social, aos conhecimentos ancestrais e não desperdiçar a energia da comunidade, do grupo ou do coletivo. Uma forma afetiva que encontraram para fazer esse convite aos moradores foi entregar cartas nominais e dessa forma incentivar mais pessoas a participarem e assim obter-se êxito no engajamento comunitário.

Antes de propor ou construir qualquer projeto, Isabela comenta que é importante **observar a comunidade**. Para isso, ela considera fundamental “ficar atento aos sinais que o território dá”. Esse ponto está muito relacionado a outro princípio da Permacultura, “Observar e Interagir” (HOLMGREN, 2013), que consiste em entender como as pessoas da comunidade se relacionam e, a partir daí, começar a interagir com ela. Para ilustrar, Isabela conta que

a galera achava no começo que o lugar não era pra elas, os meninos principalmente falavam - não vou entrar, não estou com roupa. Achavam que não estavam vestidos apropriadamente, aí começamos a ir trabalhar de havaianas, de boné. Vamos vir de um jeito que a pessoa olhe e pense - Pô posso entrar, se a pessoa que trabalha tá ali assim, eu posso entrar do jeito que eu tiver, entendeu? (SOUSA, 2022)

Outra estratégia que ela sugere para que as pessoas participem e se sintam parte, e assim obter engajamento comunitário, é **pedir ajuda**. Ao realizar um evento, projeto ou ação, a entrevistada conta que gosta e busca envolver a comunidade: “eu falava assim - não compra ferro não gente, toda vez que precisar passar uma roupa de alguma coisa, pede pra algum vizinho diferente, porque o cara vai saber que a gente precisa dele” (SOUSA, 2022).

Para manter a história da comunidade ou do projeto coletivo, uma estratégia é **manter a memória viva**. Como Krenak (2018) expõe, é imprescindível que as histórias sejam contadas, pois é a partir dessa transmissão de conhecimento entre o coletivo que os sujeitos coletivos constituem-se. Para exemplificar, Isabela contou que estavam passando por um momento em que muitas pessoas novas estavam cobrando por mais recursos em alguns projetos e as pessoas que estavam há mais tempo, não estavam entendendo o por quê de tamanha insatisfação; ao contarem sobre a história do Observatório de Favelas, as conquistas, e explicarem o quanto haviam progredido, as pessoas perceberam o crescimento e a importância do momento atual da organização. Por fim, gostaria de registrar algo dito de diferentes formas, muito presente nas falas dos nossos entrevistados, sobre uma **magia ou mística que existe no coletivo**, como algo que surge quando se vive uma experiência comunitária, seja ela passageira ou recorrente, ou seja, algo fica em quem participa. Em “Esperança ativa”, Joanna Macy e Chris Johnstone, afirmam que um tipo de magia pode acontecer em grupos, essa parceria gerada nos apoia e nos nutre “criando espaço para uma história diferente ser ouvida, falada e vivida. Ao disponibilizar espaço compartilhado para dividirmos nossas preocupações e gerarmos novas respostas [...] servindo como campos férteis para a Grande Virada (MACY; JOHNSTONE, 2020, p. 126).

### 5.3 Desafios, dificuldades e boas práticas para o engajamento comunitário

Ao serem questionados sobre as maiores dificuldades em trabalhar projetos colaborativos e comunitários, os maiores desafios encontrados em viver em comunidade e as principais dificuldades que impossibilitam o engajamento e o desenvolvimento comunitário, os entrevistados trouxeram diversas reflexões interessantes.

Um das dificuldades apontadas por um dos nossos entrevistados diz respeito às **crenças limitantes relacionadas à escassez**, ou seja, a ideia de que “não tem para todo mundo, a ideia de que o mundo é escasso, de que os recursos são escassos separa a gente na construção colaborativa” (GOUVEIA, 2022). Essa ideia acaba impedindo que consigamos estar abertos, criemos confiança uns nos outros e que se perpetuem posturas e valores individualistas que regem as ações de muitas sociedades nos dias atuais. Para Edgard, acabamos enxergando o outro como potencial inimigo, perdemos muito em não enxergá-lo como um potencial amigo, nesse contexto, acabamos “perdendo a noção de comunidade” (Ibid., 2022). Esse também é um fator que pode limitar o trabalho em equipe, pois “a ideia de que ele está fazendo uma outra ideia que não a que eu quero, é apenas a que ele quer” (Ibid., 2022); essa lógica impede que o outro se engaje em um projeto coletivo. O entrevistado traz como exemplos as comunidades indígenas tradicionais, onde a noção de privado não existe, “não tem muro, não tem cerca, esse espaço aqui é nosso e, quanto mais conectado estiver, mais harmônico estiver, entende-se que não é nosso, é da natureza, é tanto nosso quanto é da onça, da capivara” (GOUVEIA, 2022).

Outra entrevistada traz como uma das dificuldades para o convívio em comunidade o fato de considerarmos “**o outro desconhecido**, é o outro que eu não conheço ainda, eu não tenho vínculo, então não existe afeto, eu não fui afetada por esse outro, então, quando não existe esse afeto, não existe esse vínculo, a gente tende a desumanizar, ou seja, esse outro está me incomodando” (BIVAR, 2022), entendo que daí surja a importância de se criarem espaços, rituais e celebrações para a experiência comunitária com o vizinho, com o colega de trabalho. É nessas interações e nesse conviver que encontramos pontos de conexão que permitem que os vínculos tão necessários para o coletivo sejam

criados. Além disso, para a entrevistada, o desconhecido se desfaz na medida que “a gente consegue se permitir, se aproximar uns dos outros com menos agenda de aproximação e mais vontade de se aproximar, só para poder criar ali uma conexão positiva” (BIVAR, 2022), assim, com essa fala pode-se depreender que ao reconhecermos o rosto, chamarmos pelo nome, temos uma possibilidade de vínculo muito maior.

Uma dificuldade para o engajamento coletivo abordado pela entrevistada foi a necessidade de se conseguir demonstrar clareza sobre **o entendimento do nível de comprometimento** diante de um projeto coletivo, pois existe uma responsabilidade distribuída, em geral

quando se está trabalhando colaborativamente, o processo de governança são governanças distribuídas, não são governanças hierárquicas, e quando você está construindo um sistema juntos, papéis nascem para que esse sistema possa acontecer juntos, então, quando nascem esses papéis, nascem responsabilidades que esse papel tem para com esse sistema (BIVAR, 2022).

Mel comenta que esse é um grande desafio, pois, muitas vezes, as pessoas assumem papéis “sem saber qual é a sua disponibilidade interna de compromisso e com isso compromete a responsabilidade em si” (BIVAR, 2022). Como exemplo, ela apresenta os cinco princípios da T.E.R.R.A, espaço colaborativo citado na sua trajetória, que são:

Colaboração, corresponsabilidade sistêmica, transparência, cuidado com a menos-valia e princípio da não-exclusão, os princípios, eles existiam para gente estar olhando para eles e vivenciando eles na pele, todos os dias, exercitando eles de verdade, cada um desses foi um desafio único e gigantesco, o da não-exclusão foi o maior de todos (BIVAR, 2022).

Mel também salienta algo que nem sempre é considerado dentro das comunidades e projetos colaborativos, a **compreensão da diversidade entre as pessoas que fazem parte do coletivo**. Para a entrevistada, é importante que se entenda que cada pessoa está “sempre um passo, em um movimento da sua vida pessoal em termos da sua transição, da sua forma de estar no mundo, de entendimentos ou não entendimentos” (BIVAR, 2022); por isso, considerar essas questões e também as diversidades, as experiências de cada um, assim como suas subjetividades “demanda também de cada pessoa uma certa, não só uma paciência, mas abertura de você entender que o outro é diferente de você, então ele expressa e reage a determinadas situações muito diferente de você” (Ibid., 2022). Para resolver essas tensões, a entrevistada acredita que é muito



importante que o grupo consiga dialogar sobre “o campo de diversidade que somos juntos e como cada um pode lidar com esse processo” (Ibid., 2022). Já Adriana fala sobre a dificuldade que teve em conscientizar as pessoas a fazerem parte de um trabalho coletivo, de compreenderem que o trabalho desenvolvido é para todos e que precisam de todos para continuar existindo: “conscientizar sobre a importância do coletivo, da gente desenvolver um trabalho coletivo sempre é um desafio” (QUEIROZ, 2022). A dificuldade aqui é uma das motivações deste trabalho, entender como podemos estimular **o engajamento comunitário**.

Buscando entender e explorar um pouco mais sobre como atuavam nossos entrevistados, perguntamos quais sugestões de boas práticas nossos entrevistados dariam para quem quer trabalhar com engajamento comunitário. Já respondendo sobre uma das grandes dificuldades que é conseguir envolver e engajar a comunidade a participar de ações, Isabela, de maneira muito franca e direta, explica que **“é preciso entender o que o território precisa e construir com ele”** (SOUSA, 2022). Para a entrevistada, não há nada que “uma conversa não resolva” (Ibid.) e, para isso, é necessário respeito e cuidado. Como exemplificação, ela conta que apesar da sede do Observatório de Favelas ser na Maré, a atuação é nacional e “às vezes a gente vai trabalhar num lugar onde a gente não conhece a favela, e você nunca vai chegar lá e falar: ‘Pô, **eu sei o que vocês precisam**’” (Ibid.), Isabela conta que é aí que muita gente acaba por sentir dificuldades em engajar territórios

Porque elas acham que sabem o que as pessoas precisam e isso é de uma soberba... Imagina se qualquer pessoa que mora na pista, bate alguém na tua porta e fala assim: ‘Pô, vamos fazer aula de balé? Ou vamos recolher o lixo aqui?’ Cara, se aquilo não faz sentido para sua vida, não tiver tempo, não estiver afim, você vai dizer: ‘Mano, por que você tá batendo na minha porta? Por que acha que eu preciso disso?’ (SOUSA, 2022).

Isabela contextualiza a forma como a organização da qual faz parte atua contando sobre um episódio quando ganharam um edital em um bairro no qual ela era articuladora e, mesmo com sua pouca idade, a diretoria entendeu que ela deveria estar à frente na coordenação desse projeto, pois era a única pessoa do Observatório que já frequentava o local. Segue trecho do relato: “Não importa que ela tem 21 anos, ela está há 6 meses andando aqui e conversando com essas pessoas, ouvindo esse território, convivendo com a juventude do território” (Ibid.).

Outra sugestão de boa prática muito importante que recebemos de Isabela foi: “vai se engajar quem tiver afim, pra quem aquilo fizer sentido” (Ibid.). Aqui identifico novamente a importância de se construir junto com a comunidade; por mais que a ideia possa ser boa, necessária ou levar a uma experiência de transformação, ela deve “fazer sentido coletivamente” (Ibid.). Se fizer sentido coletivamente, “talvez você vá pensar ali um tempo para encontrar as pessoas que você precisa engajar para que aquilo aconteça, mas é uma questão de tempo” (Ibid.). Consonante com essa ideia é a sugestão dada por Adriana: **“Dar tempo e espaço para que aquele território tenha confiança em você.”** Além da humildade ao chegar nesse espaço, reconhecer quem faz parte dele, interagir e observar, Adriana aconselha: “tu não pode chegar num local te sentindo a rainha ou rei, tu não consegue, senão tu vai ficar lá reinando sozinha” (QUEIROZ, 2022).

Uma postura que ajuda é a sugestão de Mel: **“Esteja aberto e permita-se ser atravessado pelo outro.”** A entrevistada comenta que “muitas vezes tendemos a estudar muito para encontrar respostas muito claras e específicas para que a gente possa ter certezas sobre coisas” (BIVAR, 2022). A empreendedora social acredita que precisamos desconstruir essas certezas com abertura sobre o que acreditamos e falamos, porque “esse outro que tá chegando pode trazer elementos essenciais para expansão do nosso conhecimento e da nossa percepção de mundo” (Ibid.); ela ressalta que isso não tem a ver com convencimento, mas sim com “permitir que o outro, com que ele quer que venha expressar, afete a gente e ao afetar transforme aquilo que a gente está sentindo fortemente” (Ibid.). Mel lembra os mistérios que cercam as comunidades que, ao seu ver, é “esse vínculo, é esse respeito mútuo, que é essa possibilidade da gente caminhar junto mesmo na diferença” (Ibid.). Para ela, a abertura é

encontrar meios de caminhar junto, porque tem algo que nos une, não tem só coisa que nos separa, então entender o que que é que nos une e fortalecer esse lugar, então acho que é esse o grande lugar, é uma dança com nossos dragões o tempo todo, porque são os nossos dragões da expressão e da forma como a gente enxerga o mundo, então como a gente pode estar aberto a isso? (Ibid.)

Entre as sugestões de nossos entrevistados, destaco uma de Isabela, que pontua algo importante: **“Esteja junto com o território para o que der e vier.”** A diretora comenta que para quem atua nas comunidades os papéis, responsabilidades, podem estar muito claros e setorizados como, por exemplo:

“meu projeto é meio ambiente, meu projeto é cultura, meu projeto é economia” (SOUSA, 2022); entretanto, para as pessoas que fazem parte daquele território, nem sempre isso está claro; na sua opinião, “para que você faça parte de uma experiência comunitária, as pessoas não podem ter dúvida que você tá junto pro que der e vier” (Ibid.). Para exemplificar, ela traz o advento da pandemia, momento no qual pessoas de diversos projetos da comunidade de áreas muito diversas se uniram para arrecadar e distribuir cestas básicas, que era a necessidade daquela comunidade naquele momento.

Por fim, Edgard traz uma sugestão valiosíssima e muito fácil de ser negligenciada ao lidar com engajamento comunitário, principalmente quando lidamos com sonhos e com oportunidades de transformar realidades: “É melhor você brincar, viu? Se não você vai ter que trabalhar” (GOUVEIA, 2022). Para o entrevistado, trabalhar em coletivo é desafiador, mas é muito mais prazeroso se for criado “um ambiente que vai ser lúdico, pois você pode fazer a mesma coisa trabalhando ou brincando, eu vou brincando seguramente” (Ibid.). Como diria John Croft, idealizador do *Dragon Dreaming*, em tradução livre, “se não for divertido, não é sustentável”, então: **brinque e divirta-se no processo.**

A fim de sistematizar o conhecimento e os dados obtidos nessa pesquisa de uma forma acessível e ilustrativa para que possa ser utilizada para consulta, desenvolvi o quadro abaixo que será explorado posteriormente nas considerações finais:

Figura 1 - Estratégias que apoiam o desenvolvimento comunitário

## O PODER DO COLETIVO PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

### Estratégias que apoiam o desenvolvimento comunitário



Fonte: De autoria própria

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi uma costura de pesquisas exploratórias, entrevistas e análises e veio de um desejo muito grande de buscar entender: como criar estruturas que apoiem os indivíduos para que coletivamente possam se desenvolver em comunidade; quais os mecanismos utilizados pelas lideranças inspiradoras para promover o engajamento coletivo; quais conhecimentos, ferramentas e rituais comunitários poderiam apoiar ou colaborar para o desenvolvimento comunitário.

Algum tempo de trabalho com comunidades e o desejo de buscar compreender essas questões, me levaram a propor essa pesquisa, tendo como elemento central o poder coletivo para a transformação social. Através do referencial teórico foi possível aprofundar os temas centrais necessários ao estudo: vínculos sociais e grupais (GAIGER, 2016), sentimento de pertença (XAVIER, 2021), declínio do individualismo (MAFFESOLI, 1998) e a potência do sujeito coletivo (KRENAK, 2018). Na pesquisa exploratória, foi possível identificar lideranças comunitárias inspiradoras e pessoas que trabalham com engajamento comunitário, como Adriana Queiroz, Edgard Gouveia Júnior, Isabela Sousa, Melissa Bivar e tantos outros que, por falta de tempo ou disponibilidade, não pude incluir nessa pesquisa. Inicialmente, tentei entrevistar uma liderança indígena, mas infelizmente não foi possível e acredito que essa visão seria muito rica para este trabalho.

Por meio das entrevistas, busquei compreender e analisar estratégias que apoiam o desenvolvimento comunitário e constatei que estão relacionadas à **importância do cuidado entre as relações, à criação de momentos coletivos, em colocar as pessoas no centro dos processos de construção e compreender o que é importante para aquela comunidade específica.** Também é importante **o cuidado com os conflitos**, criando espaços e ferramentas para o encaminhamento dos mesmos e a **construção de redes e parcerias** para a manutenção e fomento do trabalho comunitário. Para proporcionar momentos de construção coletiva, considero que o design e metodologias colaborativas como: *Dragon Dreaming*, Princípios do Design da Permacultura e a Facilitação de Grupos são ferramentas que podem apoiar imensamente a implementação desses momentos. Aqui destaco também o

quanto a ausência do poder público interfere nos territórios e a importância de serem criados espaços mais democráticos para a aproximação e participação da comunidade na definição das políticas e do orçamento público, como o Orçamento Participativo, por exemplo. Como estratégias de engajamento comunitário, destaco **a importância de se ter clareza no propósito, a construção de acordos e de um ambiente seguro e o ato de celebrar** na medida em que foram contextualizados o percurso do despertar do indivíduo para o coletivo de cada liderança. Este estudo buscava compreender os desafios e as boas práticas para o engajamento comunitário que evidenciaram como desafios: **crenças limitantes relacionadas à escassez, o entendimento do nível de comprometimento e a compreensão da diversidade entre as pessoas que fazem parte do coletivo.** Referente às boas práticas, nossos entrevistados sugeriram: **estar junto com o território para “o que der e vier”, estar aberto e permitir-se ser atravessado pelo outro, dar tempo e espaço para que aquele território tenha confiança e brincar e se divertir durante o processo.**

Além disso, espero que a pesquisa possa apoiar comunidades, bem como projetos colaborativos, no entendimento da percepção e das estratégias que podem ser utilizadas para o engajamento comunitário e o aprimoramento de suas estratégias de engajamento, além de sua manutenção, comunicação e o relacionamento com seus atores, de forma a possibilitar o fortalecimento dos vínculos e das redes. Destaco que o estudo possibilitou entender o papel de pessoas que, assim como eu, acreditam no poder do coletivo para a transformação social e que acreditam que as lideranças são fundamentais para apoiar as comunidades na transformação e na construção de uma sociedade mais resiliente e regenerativa na qual todos possam ser quem são.

Saliento que esse trabalho não se esgota aqui, há muito o que estudar e aprender sobre o tema. Acredito na importância da sistematização de conhecimentos que estão presentes e pulsando no cotidiano dessas coletividades. Por fim, acredito que o despertar não pode ser apenas individualizado, mas sim, que é necessário que busquemos a construção coletiva de espaços para, assim, redesenharmos nossa presença na Terra. E, a partir de políticas públicas e da sociedade civil, garantir que essas discussões cheguem e envolvam todas as pessoas, principalmente aquelas que, no sistema atual, são excluídas. É importante ressaltar aqui que as comunidades tradicionais, como as

indígenas e quilombolas, há muito tempo nos mostram como é viver em comunidade. Continuo sendo otimista e tenho a esperança ativa de que juntos, juntas e juntos construiremos as mudanças para um futuro possível: mais comunitário, diverso e justo, no qual o poder do coletivo será protagonista de uma transformação social.

## 7. REFERÊNCIAS

BLANKE, Catriona; CROFT, John; DASI, Mandakini (Monica Prado); KOGLIN, Ilona. **Dragon Dreaming: Desenho de projetos**. Dragon Dreaming. Tradução: Rita Tojal, Teresa Silva, Marta Duarte, Pedro Ferreira, Njiza Costa e Virgílio Varela. Disponível em: [https://dragondreamingbr.org/wp-content/uploads/dragon\\_dreaming\\_eBook\\_guiia\\_pratico.pdf](https://dragondreamingbr.org/wp-content/uploads/dragon_dreaming_eBook_guiia_pratico.pdf)>. Acesso em: 5 de jun. de 2022.

De Souza, M. M. P.; De Paula, A. P. (2020). **Saindo da “Torre de Marfim” dos Estudos Organizacionais Críticos: a pesquisa-ação aliada a ferramentas colaborativas do Dragon Dreaming no caso da Astriflores**. Desenvolvimento em Questão, 18(51), p. 10-32, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2020.51.10-32>

EAST, May. **Maximising the Edges of Natural and Human Systems: The Case for Sociotones**. MDPI Journals. Basel, 2019. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/11/24/7203/htm>>. Acesso em: 10 de jun. de 2022.

**FACILITAÇÃO de grupos: liderança com mais empatia e sensibilidade**. Social Good Brasil, 2018. Disponível em: <https://socialgoodbrasil.org.br/blog/facilitacao-de-grupos-lideranca-com-mais-empatia-e-sensibilidade/>>. Acesso em: 5 de jun. de 2022.

FREIRE, Karina de Mello. **Design estratégico para a inovação cultural e social** [livro eletrônico] / organização Karine de Mello Freire. Porto Alegre : Ed. dos Autores, 2021.

GAIA EDUCATION. **Construindo Comunidade e abraçando a diversidade**. [Material de apoio à disciplina Design Social., lecionada no Gaia Education]. 2017.

GAIGER, L. I. **A descoberta dos vínculos sociais: os princípios da solidariedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

GENCARELLE, Sal. **Cultural Emergence**. loobymacnamara.com, 2022. Disponível em: <https://loobymacnamara.com/people-and-permaculture/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. David Holmgren; tradução Luzia Araújo. – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ailton Krenak - A Potência do Sujeito Coletivo**. [Entrevista concedida a] Jailson de Souza e Silva. Revista Periferias, 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>>. Acesso em: 15 de fev. 2022.



KOSHA, Anja Joubert; ALFRED, Robin. **Além de Você e de mim: Inspiração e Sabedoria Para Construir uma Comunidade**. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2020.

LAU, Héilton. **Pensando fora do sistema: uma reflexão sobre linguagem não-binária**. Uniletras, vol. 41, n. 2, 2019. p. 262 – 282.

LIPOVETSKY, Giles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACHADO, G. C. X. M. P., Barbuto, L., & Croft, J. D. **O método colaborativo aplicado na pesquisa-ação: contribuições do Dragon Dreaming na incubação social do saneamento ecológico, Democracia, Ciência e Tecnologia: aprofundando as contribuições sobre a incubação em economia solidária**, v. 4 n. 1 (2021); Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/cts/article/view/30463/31362>

MACY, J.; JOHNSTONE, C. **A grande virada**. In: HARLAND, Maddy; KEEPIN, William (Org.). *A canção da Terra: uma visão de mundo científica e espiritual*. [S.l.]: Roça Nova, Rio de Janeiro, 2016.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MERONI, A. **Strategic design: where we are now? Reflections around the foundations of a recent discipline**. Strategic Design Research Journal. Porto Alegre: 1 (1): 34-42 jul./dez.2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISTURAI. Disponível em: <<https://misturai.com/quem-somos/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

NÚCLEO de Estudos em Permacultura da UFSC. **O que é permacultura?** Disponível em: <<https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

OBSERVATÓRIO de Favelas. Disponível em: <<https://observatoriodefavelas.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

**O Arquiteto do humano**. Edgar Gouveia Jr. Disponível em: <<https://edgardgouveiajr.com.br/the-architect-of-human-being/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

OLIVEROS, Ricardo. **Guerreiros Sem Armas: formação para jovens com propósito**. ELOS. Disponível em:

<<https://institutoelos.org/guerreiros-sem-armas-formacao-para-jovens-com-propósito/>>. Acesso em: 9 de jul. de 2022.

PEIXOTO, Alice Emmanuele Teixeira. **Orçamento participativo: como funciona e como participar**. Última atualização: 1º de fev. 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/orcamento-participativo-como-funciona/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SOCIAL Contemporâneo. Disponível em <<https://socialcontemporaneo.com.br/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade, Ensinaamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

TAVARES, Felipe. **O chamado para liderança regenerativa**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2019.

TRANSITION Brasil. Disponível em: <<https://transitionbrasil.com/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

XAVIER, Marcela. **Pertencimento e o encontro do meu**. Disponível em: <<https://institutoamuta.substack.com/p/pertencimento-e-o-encontro-do-meu>>. Acesso em 16 de jul. de 2022.

WAHL, Daniel Christian. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

- 1) Para você, o que é viver em comunidade?
  
- 2) Você acredita que o coletivo tem poder de transformar a sociedade? e Por quê?
  
- 3) Durante a sua trajetória, você começou a compreender que seria importante realizar um trabalho coletivo para apoiar as pessoas a se engajarem coletivamente em prol da transformação dos seus territórios. Você poderia me contar um pouco como foi esse processo? Você acredita que houve um despertar do indivíduo para o coletivo? Existiu algum momento chave que você tenha se dado conta disso? Ou isso foi um processo natural para você?
  
- 4) Na sua opinião quais são as estratégias necessárias para manter uma comunidade engajada em prol de um projeto coletivo?
  
- 5) Você poderia contar um pouco sobre rituais, práticas e vivências que você acredita que apoiam o processo de engajamento e desenvolvimento comunitário?
  
- 6) Hoje, quais são as maiores dificuldades que você percebe em trabalhar em projetos colaborativos e comunitários?
  
- 7) Quais os maiores desafios encontrados em viver em comunidade? Quais são as principais dificuldades que você enxerga que impossibilitam o engajamento e o desenvolvimento comunitário?
  
- 8) Qual dica você daria para quem quer trabalhar com engajamento comunitário?

**ANEXO A – Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE - GAIA  
EDUCATION  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, ....., nacionalidade brasileira, inscrita no CPF/MF sob nº.....residente à Rua ....., município..... AUTORIZO o uso de minha imagem, vídeo e/ou voz em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada como material de apoio ao projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Manuela Fonseca Andrade e DECLARO estar ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pela cessão das fotografias, dos vídeos e/ou da voz, e que estou ciente que posso retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados. É vedado ao(s) pesquisador(es) utilizar as fotografias, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta.

Você receberá uma via deste termo assinado onde consta os dados do(a) pesquisador(a), podendo tirar suas dúvidas, agora ou a qualquer momento.

Nome do(a) Pesquisador(a): Manuela Fonseca Andrade

Telefone: 51993334554

Email: manufonsecaandrade@gmail.com

Professor(a) orientador(a): Rodrigo Almeida

Porto Alegre, 11 de julho de 2022.

---

(Assinatura)

Nome: .....